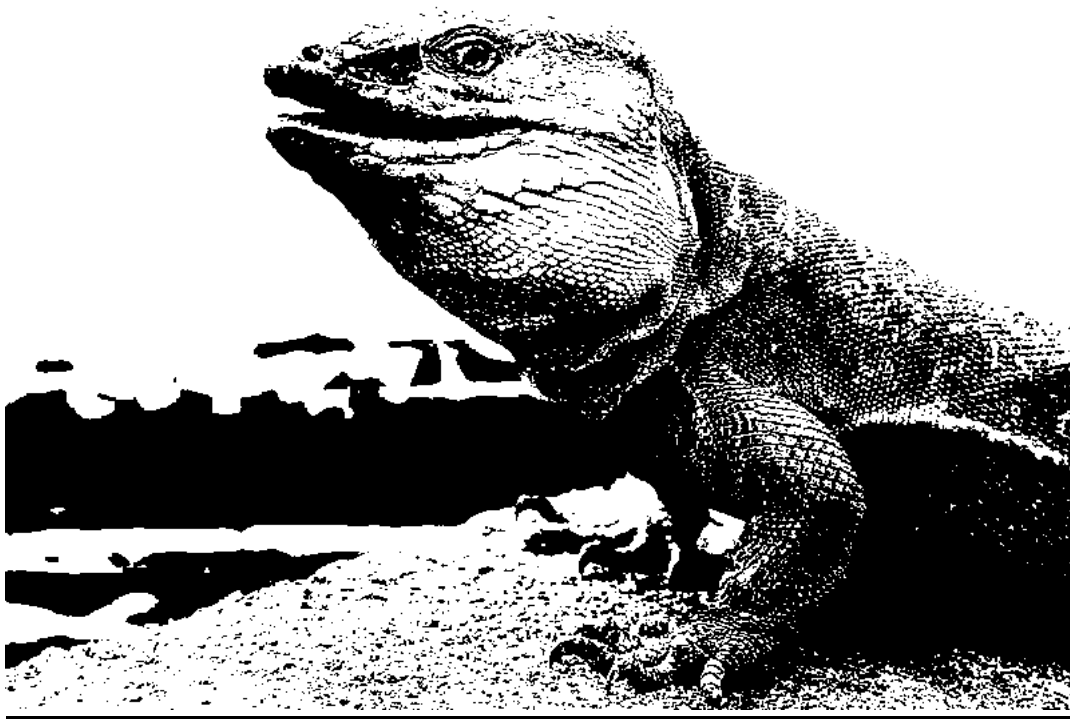


Rogério Silvério de Farias

A MALDIÇÃO DE AKLATHENOHM





**Obra licenciada sob uma
Creative Commons License**



Atribuição-Usa Não-Comercial-Não a obras derivadas 2.5 Brasil

Você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra

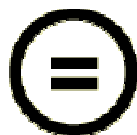
Sob as seguintes condições:



Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.



Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.



Vedada a Criação de Obras Derivadas. Você não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use") concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados pelo disposto acima.

Este é um sumário para leigos da [Licença Jurídica \(na íntegra\)](#).

[Termo de exoneração de responsabilidade](#) 

[Aprenda como distribuir sua obra usando esta licença](#)

*Dedico esta obra a todos os amigos que me ajudaram a
divulgar esta obra **gratuitamente** na internet.*

ÍNDICE

<i>A Maldição de Aklathenohm.....</i>	<i>06</i>
<i>A Lição de Sardok.....</i>	<i>11</i>
<i>O Velho Mefistofélico.....</i>	<i>15</i>
<i>O Demônio da Colina.....</i>	<i>29</i>
<i>O Presente da Deusa do Mar.....</i>	<i>33</i>
<i>Além da Muralha da Morte.....</i>	<i>68</i>
<i>Zugdulglos.....</i>	<i>76</i>
<i>O Homem Que Encontrou Kryshlyth.....</i>	<i>83</i>
<i>Mistério na Casa Abandonada.....</i>	<i>86</i>
<i>Zadatoth-rá.....</i>	<i>93</i>
<i>Necrosedech.....</i>	<i>97</i>
<i>O Pranto dos Deuses Astronautas.....</i>	<i>103</i>

A MALDIÇÃO DE AKLATHENOHM

Na misteriosa e remota infância do mundo, quando o homem era apenas um sonho incipiente dos deuses esboçado em carne, sangue e fúria, havia uma grande terra, chamada Druzuxkulhulpion, constituída de um único e gigantesco continente sobre as águas de um oceano turbulento e de águas quentes e revoltosas, onde a vida subaquática ainda era escassa e jovem. Os sábios do futuro chamariam esse oceano de Pantalassa, e essa terra de Pangéia, mas seus nomes verdadeiros eram Garith e Druzuxkulhupion, respectivamente.

Na grande cidade-estado de Lmnir, também capital de Druzuxkulhulpion, onde habitava o estranho povo-lagarto, grotescos humanóides, meio homens e meio répteis, com seus palácios de ouro e prata e suas espadas de *djiryuwn* (uma espécie de aço negro e cintilante de então, tirado e forjado de um grande meteorito em forma de caveira humana que caíra no vale de Zizar), vivia e mandava o malvado e opressor rei do povo-lagarto, Aklathenohm, que mandara construir uma torre gigantesca de ouro maciço, maravilha do continente único de Druzuxkulhulpion.

Aklathenohm, com seu orgulho titânico, resolvera construir aquela torre colossal que, segundo ele, tocaria o céu e faria cócegas no ventre rotundo dos deuses antigos das estrelas distantes. A rainha, sua esposa Arktilia, de índole perversa também, concordara em tudo, submissa, lasciva, entregue a concupiscências pecaminosas.

Em Lmnir, eram cultuados os sete deuses maiores druzuxkulhupionitas: Zantrah, Tarabachibuch, Vlig, o branco Milac, Zorthiay, Guh, o folião do pandemônio e também o

terrível e negro Bed. Todavia, o rei de Lmnir adorava o deus menor, malévolos e antigo chamado Sharthak, também conhecido como deus-lagarto da discórdia e do ódio; Aklathenohm e seus sacerdotes e fiéis adoravam Sharthak como se fosse um deus único.

Mas o orgulho de Aklathenohm era mais satânico do que o povo pensara. Entre o povo-lagarto, havia uma casta menor de druzuxkulhupionitas, mestiços, híbridos de primatas e répteis humanóides, considerados párias. Eram os Hadanos, que futuramente dariam origem aos australopithecus e pithecanthropus, numa evolução alucinante esboçada pelos deuses da Criação. Os hadanos eram como um esboço dos homens feito pelas mãos dos deuses antigos e esquecidos no tapete da existência terrena, e quem tenha ouvidos que não sejam moucos, ouçam estas minhas palavras e esta minha história, pois fui o cronista desta era de sombras perdida na grande noite dos séculos.

A maioria dos hadanos servia como escravos, gladiadores ou serviçais, mas também havia uma parte de hadanos livres e nômades, de uma outra casta de mestiços, e alguns desses eram xamãs, guerreiros e até mercenários bárbaros.

Um dia, Aklathenohm mandou exterminar todos os hadanos da face de Druzuxkulhupion. Ele queria a supremacia e a pureza total da raça dos homens-lagarto druzuxkulhupionitas. Nenhum maldito mestiço seria poupado, segundo seu louco pensar. Todos os hadanos, livres ou escravos, de todas as castas, seriam presos e sacrificados em honra ao maldito deus Sharthak (“Sharthak” na língua dos druzuxkulhupionitas queria dizer “aquele que chafurda nas cloacas imundas do inferno do caos” ou “o que rastejou das sombras dos lamaçais do inferno caótico para matar os vivos”). Hadanos escravos ou hadanos livres seriam queimados vivos em grandes fornos em forma de caveiras nas misteriosas montanhas de Zlor, ao sul do continente único de Druzuxkulhupion, maravilha única do mundo antigo.

Trancados nos sinistros fornos nos cumes das montanhas zlorianas, os hadanos foram sendo dizimados pouco a pouco, dia após dia, noite após noite, num genocídio lento e horrível. Os gritos medonhos de horror e morte foram ouvidos durante anos pelos homens-lagarto de Lmnir, sem nenhuma piedade. O insano Aklathenohm costumava dizer sarcasticamente a Arkitília, quando ouvia os gritos de agonia: “Estou ouvindo a minha música favorita, minha querida: a música da morte violenta dos seres inferiores, os hadanos!”. E ambos gargalhavam em meio a uma esdrúxula luxúria pecaminosa.

No dia em que queimaram vivo o filósofo, profeta e xamã hadano de nome Merugiteth, da aldeia livre de Kzor, ouviu-se uma maldição negra ser vomitada da garganta desse mago hadano antes de sua morte, uma maldição do velho sábio hadano versado em conhecimentos místicos proibidos de esferas ou reinos astrais e etéricos invisíveis ao olho comum. A maldição do mago tido como louco pelo rei do povo-lagarto ecoou por todo o reino de Lmnir, chegando aos ouvidos de Aklathenohm como um hino de vingança macabra. Aklathenohm, postado paranoicamente em seu trono, lá no alto de sua torre colossal feita de ouro maciço, parecia estar atravessando os portais da loucura e do remorso. Sem dúvida, Merugiteth evocara entes demoníacos da natureza e da face oculta da lua para atormentar a consciência de Aklathenohm que pesara tal qual uma montanha de granito.

Em seu trono de ágata e lápis-lazúli, Aklathenohm ouviu em sua mente a maldição negra de Merugiteth, lançada ao rei durante noites e noites inteiras de delírio e febre alucinantes.

Eis, em síntese, a maldição proferida pelo feiticeiro Merugiteth: “Amaldiçoada seja o reino de Lmnir e toda a corrupta Druzuxkulhulpion, maravilha pecaminosa do continente único! Eu a amaldição com todas as forças negras de meu coração hadano apodrecido e

carcomido pelo ódio e pelo desejo de vingança! Haverá um dia em que este reinado de ódio contra o povo hadano perecerá para sempre. Virão muitas chuvas, trovões, terremotos, maremotos, cataclismos criados pelos deuses invisíveis da natureza e pelos demônios verdes que dançam silenciosamente na face escura da lua, e tudo será destruído, tudo será purificado, desenhando-se, assim, um novo mundo com uma nova geografia, um mundo que não mais se chamará Druzuxkulhulpion, mas sim...*Lemúria!*... Que fique o maldito rei Aklathenohm, com seu orgulho anormal e satânico sabendo que os hadanos não irão morrer nunca!...

“Conseguimos ocultar um jovem casal nas montanhas de Saphyr, nos bosques e jardins ao norte das montanhas de Éthen, que servirá como sementeira para uma nova raça. O hadano macho chama-se Hadan e a fêmea chama-se Revah. Revah dará a luz em breve, perpetuando e evoluindo a raça hadana para a raça humana, no ciclo inteminável de nascimento e morte da vida neste mundo. E, após as pestes e os cataclismos, a maldição perpétua cairá implacável sobre o último dos homens-lagarto, o reio Aklathenohm! E então o tirano perecerá em dores e solidão atrozes e eternas!”

Quando por fim vieram os cataclismos profetizados, vieram também os terremotos e os maremotos, vieram pragas e doenças terríveis que mataram todos os homens-lagarto, até que restou apenas um, aquele em sua torre gigantesca de ouro, perto do céu, perto das estrelas distantes e desconhecidas, perto da lua cheia maldita, o tirânico e louco rei Aklathenohm, sozinho com sua arrogância, sua luxúria e sua empáfia, com seu egoísmo diabólico, com seu louco e abominável deus Sharthak, que o abandonara para sempre. E com sua terrível doença que o tornara um autêntico morto-vivo! A mesma coisa aconteceu com a rainha Aktília, completamente vencida pela insanidade nascida da voluptuosidade malsã, teve sua pele e carne apodrecidas em vida.

Aklathenohm gritou de horror e loucura em sua torre dourada, que inexplicavelmente não fora destruída pelos cataclismos e pela Era Glacial que se seguiu. O rei, atônito, viu ruir seu império e sua nação.

Segundo os Pergaminhos Negros de Saahrhayrtrung, encontrados ainda nas ruínas dos templos de Saphyr, escritos pelos próprios Hadan e Revah, que então começaram um novo mundo, o rei Aklathenohm, no auge do seu desespero e horror, juntamente com a rainha, teriam visto uma estranha e luminosa nuvem verde de aspecto discoidal e fantasmagórico descer da lua numa noite fria e agourenta, envolvendo o topo da torre e levando o rei tirano e sua rainha inteiramente vivos, porém enlouquecidos, para muito além das estrelas do firmamento negro.

O tempo passaria por anos e séculos antes dos demônios cosmonautas que viajavam na estranha nuvem luminosa e espectral oriunda do lado negro da lua trouxessem de volta ao então mundo da Lemúria o rei Aklathenohm e a libidinosa rainha Arkitília, que *involuíram* de tal modo, que se tornaram tiranossauros (foi assim que surgiram esses monstros colossais do passado remoto da terra!), e que, no decorrer das eras, *involuiriam* ainda mais, passando de dinossauros até tornarem-se aquilo que os homens do futuro chamariam... *lagartos*.

A LIÇÃO DE SARDOK

Sob o luar verde e mortiço de Ozrogath, um dia desceu das montanhas sagradas o jovem mago Sardok, entre as brumas luminosas de uma manhã sombria, naquele longínquo planeta, um mundo estranho e oculto, nos confins de uma galáxia desconhecida, no espaço exterior de uma outra dimensão, acessível somente àqueles que ousam transpor os portais mágicos do sono ou se aventuram mais além deles, além dos jardins dos delírios mortais, nas plagas etéreas da loucura.

No mítico e vetusto mundo de Ozrogath, além, muito além das vastas dimensões oníricas e dos mundos adjacentes dos pesadelos, além dos insignificantes devaneios humanos, a barbárie e a magia imperam da forma mais sangrenta e sobrenatural possível, e se fazem soberanos da carne e do espírito beligerante dos habitantes desta estranha terra. A espada faz o destino dos Ozrogathianos, e a magia corrobora a energia mística das almas deste fantástico planeta quase sempre envolto em violência, magia e força.

Iniciado nas estranhas ciências mágicas de Granypur, A Mística, a cidade de cristal verde dos magos, o jovem Sardok começara sua peregrinação pelas cidades mundanas nos vales enevoados ao sul de Lyrar, o reino violento governado pelo não menos violento príncipe Wuayr, também chamado de “O Degolador”.

Com seu cajado mágico, Sardok, o príncipe dos magos, vestido com sua túnica cor de noite sem luar e sem estrelas, seguia caminhando solitariamente, a procura da última lição. A lição que o faria senhor de si mesmo.

No planeta Ozrogath quase sempre predominava a mais baixa e sórdida das magias, a pérfida magia negra, com seus encantamentos malditos, com seus feitiços infernais e maldições implacáveis, além das guerras, com todo o clangor furioso do aço das espadas cintilantes e sanguinárias como presas de um lobo faminto, a fúria das batalhas sangrentas onde a morte e o sangue coroam o reinado da violência e da barbárie.

O jovem Sardok encontrou, em seu caminho, uma tropa de soldados do reino de Lyrar, liderados pelo pérfido e cruel príncipe Wuayr, tendo como conselheiro o mago negro Zarulk-Rah, o mestre caolho das criptas antigas do conhecimento proibido.

Wuayr e suas hostes, com seus arneses cor de sangue, com seus escudos negros e cintilantes e com caveiras neles estampadas, com suas espadas e alabardas famintas de sangue e morte, iam rapidamente em busca de conquistas, saques, carnificinas.

Wuayr queria dominar o pequeno reino de Yur, do povo anão, homúnculos bondosos, uns pequeninos que seriam chamados pejorativamente de gnomos em mundos como a Terra. Os diamantes das cavernas de Yur também seriam de Wuayr, custasse o que custasse, mesmo que precisasse o extermínio daquele pacífico e pequenino povo de tez verde, mas de alma branca.

“Saia da frente do caminho glorioso de nosso príncipe, o impiedoso Wuayr! Sou eu quem diz, o velho sacerdote Zarulk-Rah, adorador do deus-serpente Zakk. Zakk, que batiza a todos os seus adoradores com a peçonha sagrada no berço da eternidade!... Eu te conheço, jovem. És o tolo Sardok, adepto da tola Boa Lei, príncipe da insípida magia branca, que morava na cidade de cristal verde que fica no alto das montanhas sagradas de Granypur! Ouça-me: o príncipe Wuayr, de Lyrar, o reino das névoas eternas, está indo para a guerra e para a conquista, único sentido de sua vida. Ele também adora o escamoso Zakk no tabernáculo de seu corpo e de sua alma.”

Sardok olhou-o com firmeza, dizendo: “Realmente tens razão, bruxo. Sou eu mesmo, Sardok, jovem mago da senda da luz, e procuro completar a minha iniciação aqui, em terras mundanas! Mas, escuta-me também: não achas intensa covardia tu e teu feroz príncipe atacar um povo tão indefeso, pacato e benfazejo como os pequenos Yurs? Há alguma virtude nisso? É preciso saber a quem se fere. Devo avisar a ti e a teu príncipe que a espada mata não apenas a carne de suas vítimas, mas a alma de quem a empunha também. O destino dos homens que matam inocentes é mil vezes pior que a morte. Às vezes, lobos sanguinários recebem o que merecem de simples e inocentes ovelhas, pois o destino é alicerçado pelas sábias leis escritas pelos Deuses Brancos de Ozrogath, os Grandes Esquecidos, senhores divinos que fazem fortes os fracos e fracos os fortes!... Tudo isso que ora digo pode ser confirmado, pois está escrito nos Pergaminhos do Profeta Amon-Droth.”

Wuayr, o príncipe maldito, foi quem se pronunciou, finalmente:

“Que ousadia e que disparate! Sai imediatamente de nossa frente ou passaremos por cima de ti com nossos unicórnios negros, eu e meus soldados! Eu desejo a guerra, a conquista, a morte de todos que ousam negar os meus anseios sanguinários. O sangue derramado por minha espada é como um néctar da flor negra da morte. E o sangue de inocentes é como um vinho capitoso com que embriago os deuses negros de Ozrogath degredados no inferno subterrâneo de Hagarthatheron!”

Então Sardok deixou-os passar, e depois sentou, soturno, numa pedra.

Sardok sabia que, no reino de Yur, nas imensas cavernas iluminadas pelo brilho de diamantes, havia um grande dragão branco que falava, e que, agora, era muito amigo dos yurs. Os yurs salvaram-no, certa vez, curando-lhe um terrível ferimento causado pela queda de uma estalactite durante o grande terremoto do Ciclo Negro. Dito dragão falante e albino não cuspiam fogo, mas seu olhar petrificava e matava os corpos daqueles em cujos corações

predominava a maldade e o egoísmo desenfreado, pois os olhos do grande dragão branco eram como espelhos que refletiam a verdadeira imagem dos malvados: a monstruosidade de suas almas. Assim, os que cultuam o mal acabam perecendo ao contemplarem os reflexos hediondos de suas almas no espelho mágico dos olhos do dragão.

Quando chegou a noite o jovem mago teve uma clarividência fantástica, e viu que o príncipe maldito, o mago negro e sua tropa infame haviam sido petrificados e mortos horivelmente. Assim, compreendeu Sardok uma grande lição que o tornaria senhor de si mesmo: ele viu, através dos erros alheios, que o egoísmo desenfreado escraviza o espírito humano.

O VELHO MEFISTOFÉLICO

Ali, bem no topo daquele morro, aquele casarão antigo e sinistro mais parecia um monumento tétrico em louvor a tudo de ruim e malévolos engendrado pela mente humana no decorrer das eras sem fim. Era um casarão de madeira negra, alto, com poucas janelas. O estilo da construção lembrava o gótico. *Lembrava*; arquitetura igual àquela nunca se tinha visto antes, tal era sua estranheza. Os contornos da casa, a sua silhueta escura no topo da colina, realçava-lhe o aspecto sinistro, amedrontador, mal-assombrado.

Quando o frio inclemente fustigava como um chicote invisível os dias e as noites, uma bruma esbranquiçada e fantasmagórica, vinda do mar, circundava a casa toda, envolvendo-a como um manto, rodopiando numa lenta e aziaga coreografia, parecendo querer assombrar ainda mais a sombria vivenda e o próprio local, trazendo horrendos eflúvios e vozes quase imperceptíveis que mais pareciam o grito de todos os demônios do medo incrustados na mente dos mortais condenados à sina da carne e do sangue, à dor no destino da cruz da vida humana no mundo da angústia e da morte.

Então tudo se enchia de sombras e medo, tudo parecia ficar mais carregado, mais sombrio, mais apavorante.

Naquele casarão medonho vivia o ancião. Era um velho solitário, esquisito, arredio. Meio misantropo e meio anacoreta. Era na verdade, esse velho, um tipo terrivelmente esfíngico, enigmático. Misterioso como um habitante não-humano do plano astral.

Quem passasse ali por perto, poderia ver por uma das poucas janelas envidraçadas sua silhueta negra passando, lá dentro, em meio à penumbra, como um fantasma demente na quarta dimensão.

Que mistério guardava aquela criatura macróbia pouca gente sabia. Ninguém sabia ao certo de onde viera, qual seu ofício, a que família pertencia, do que vivia. Para muitos, era um mistério irritante, mas ao mesmo tempo assustador. O velho parecia ter vindo do passado longínquo, de um tempo remoto, tamanha era sua longevidade. Seus olhos estranhos, apesar de quase sem brilho algum, denotavam uma sabedoria oculta há muito esquecida pela atual civilização humana.

O povo do lugar – uma pequena cidade chamada Coirela Grande – era do tipo bem supersticioso. Assim, como quase sempre a superstição é a mãe de todas as lendas, surgiram ao longo dos anos inúmeras histórias atemorizantes acerca do tal velhote sinistro. E logo o ancião tornara-se um verdadeiro patrimônio vivo do medo e do horror, uma verdadeira lenda viva da minúscula Coirela Grande.

Havia quem dissesse que o tal velho era apenas um ancião caduco, um vetusto excêntrico cuja mente envergara com o peso dos anos e os horrores da vida e do mundo, e que, agora, não sabia de mais nada, perdendo-se por completo nos labirintos inextrincáveis da insanidade e da solidão senil. Mas a grande maioria – particularmente a arraia-miúda de Coirela Grande - persistia em afirmar que o velhote sabia de coisas que não deveriam ser descobertas, nem levadas ao público profano. Ele sabia de coisas estranhas, com certeza coisas deste e do outro mundo! Na verdade, afirmava-se que ele era uma espécie de *hierofante*, ou seja, um cultor das ciências ocultas. Que ele tinha realmente o dom de confabular com os espíritos dos mortos e dos demônios inumanos que habitam os mundos

invisíveis que certamente coexistem com o nosso num intercâmbio quase que totalmente secreto.

Para os menos incrédulos restava apenas o consolo do velho brocardo de que por trás de uma lenda há sempre uma raiz de verdade.

Pouca gente gostava de passar por perto da casa do velho misterioso, e, para os mais místicos, toda a sua casa parecia envolta por uma aura mefítica de horror e morte tenebrosa.

Nas noites mais escuras, quando as sombras sinistras sedimentam todos os medos desvairados arraigados como cânceres negros na alma humana, ouvia-se um som estranho e assustador como o lamento de um fantasma torturado no fogo do inferno: o estranho som de um teremim! Sim, um magnífico e estranho teremim! Todos sabiam que era o velho excêntrico quem o tocava. Era uma das poucas coisas que o povo sabia a seu respeito: ele era um amante das artes; sua música, bem como as estranhas e grotescas estátuas na frente do casarão atestavam isso.

Neste velho mundo de desgraçados e miseráveis, existe gente de toda laia, gente capaz de tudo para ver o seu maldito e mesquinho *ego* se dar bem na vida, gente que é capaz até mesmo de desafiar os arcanos do sobrenatural, execrá-lo, zombar dele como se fosse uma pilhéria ridícula. Gente que não sabe que certas coisas precisam ser deixadas envoltas pelo véu do mistério, para que não tornem este mundo ainda mais ruim e para que não enlouqueçam ainda mais o pífio animal humano.

João Gadanho e Chico Saca-Boi eram exemplos desse tipo de pessoa. Além de ateus, eram à-toas. Típicos párias, safardanas gerados no ventre da miséria. A desesperança e o ódio eram as vitaminas perfeitas de seus cérebros degenerados. E, ainda por cima, os dois faziam da rapinagem o seu ganha-pão. Larápios, assaltantes. Safados no grau máximo, no

grau absoluto, por assim dizer. Malandros, dois *escrunchantes* de primeira. Enfim, dois rebotalhos da sociedade. Marginais cujo lema precípua era: tudo por dinheiro custasse o que custasse, doesse a quem doesse.

Numa certa noite em que a lua cheia cintilava esplendidamente no céu como uma deusa nua de mortígio fulgor, espalhando sua voluptuosa luz perolada sobre o mundo escuro dos homens, eles dois resolveram assaltar o velho esquisito. Morando numa casa grande como aquela, o diabo velho provavelmente teria muita grana, talvez tesouros ocultos de incalculável valor!... Assim raciocinavam os dois ladrões, estúpidos como eram...

Seria moleza, os dois ratoneiros acreditavam. O velhote não tinha nem cães, o lugar era meio afastado do centro da cidade, tudo uma maravilha perfeita para ladrões como João Gadanho e Chico Saca-Boi.

Enquanto caminhavam furtivamente pelas sombras da noite, os dois sem-vergonhas confabulavam como dois demônios noturnos, arquitetando o plano diabólico:

— Acho que vai ser moleza, Gadanho. Mais moleza do que tirar pirulito de criança. O tal velho esquisitão vive sozinho como um bicho-do-mato. É coisa rara o traste sair de casa. É meio louco, dizem. Ouvi dizer que o velho tem parte com o Demo, que ele é ruim como o Zarapelho.

— É mesmo, Chico? — fez o escanifrado Chico Saca-Boi, que tinha os dentes da frente bem proeminentes, para fora, como se fosse um limpa-trilhos, o que, aliás, lhe valera o apelido: *Saca-Boi*. — Então o velho é ruim, é? Quando ele nos conhecer, vai saber o que é ruindade de verdade, parceiro!

E os dois *cafunes* gargalharam na noite aziaga como hienas prestes a avançar sobre um animal moribundo.

João Gadanho tossiu, cuspiu para o lado, e falou:

— Agora, vamos! E não esquece, Saca-Boi: se o velho empombar, a gente o despacha pro inferno mais cedo do que ele esperava...

O portão de ferro enferrujado foi empurrado com vagar, mas mesmo assim a dobradiça guinchou alto como um demônio ferido.

Os dois ladrões caminharam pela pequena aléia macadamizada, em cujas margens pequenos ciprestes tornavam o lugar ainda mais estranho e lúgubre. Flores exóticas e multicores ornavam o pequeno jardim à frente da casa, e seus perfumes eram tão exóticos e inebriantes que chegavam a ser quase narcóticos. Em alguns lugares, viam-se várias estátuas, estátuas estranhas aparentemente talhadas em alguma espécie de pedra negra representando homens, crianças e mulheres de todas as idades e de todas as épocas em poses grotescas, mórbidas e macabras. Eram esculturas bem grotescas, aquelas. No semblante das ditas estátuas via-se o medo e o desespero desenhados com maestria doentia. Aquelas obras de arte tinham um estilo realmente assustador, apavorante.

— Cada estátua esquisita...Olha só, Saca-Boi!.. São tão esquisitas, mas parecem terrivelmente reais! — disse João Gadanho, apontando com o queixo para uma delas, uma mulher com roupas muito antigas, em cujo rosto via-se uma verdadeira máscara de medo, agonia e dor.

— É...Quem será que esculpiu essas coisas horrorosas? O velho?

— Claro!...O velho louco, na certa? — arriscou Chico Saca-Boi, meio irônico.

— Pode ser mesmo. Ele deve ser um artista. Todo artista é meio louco. São uns esquisitos, esses sujeitos, os artistas!...O mundo não os entende, tampouco eles entendem o mundo...Tive um tio artista — pintor! — na minha família; morreu louco num hospício, o coitado...

Caminharam um pouco mais, até a soleira da porta.

— Agora passe o pé-de-cabra, Saca-Boi — pediu João Gadanho, murmurando.

— Toma aqui! — Chico Saca-Boi entregou a ferramenta que trazia oculta debaixo do velho e sujo sobretudo que ele roubara da casa de um leguleio que o livrara da cadeia, certa vez.

João Gadanho ficou surpreso ao constatar que a porta não precisaria ser arrombada. Simplesmente a porta não estava trancada...

— Ué?...Aberta? A droga da porta *tá* aberta, Saca-Boi...

— O velho já deve estar bem caduco mesmo...

— Bem, vamos entrar e *apavorar*, então. A droga do pé-de-cabra terá uma outra utilidade, se o velho reagir — e João Gadanho soltou uma risadinha malvada.

A casa estava às escuras. Provavelmente o ancião já estaria entregue ao sono, a dupla acreditava.

— Mas que porcaria! Isto aqui está escuro como um túmulo! Não consigo ver quase nada. Acende logo a maldita lanterna, Saca-Boi — disse João Gadanho, murmurando.

Chico Saca-Boi retirou do bolso do sobretudo uma pequena e velha lanterna, acendendo-a de imediato.

O foco de luz passeou pelos cantos da casa como um fantasma vadio. Tudo era examinado detalhadamente. Todas as coisas de real valor seriam levadas pelos dois gatunos.

— O cheiro de mofo desta casa é pior do que a fedentina de um cadáver podre, cara — comentou João Gadanho. — Será que o velho não abre as janelas nem de dia? Vive enfurnado aqui o tempo todo, neste fedor miserável? Além de louco é porcalhão?...

Eles começaram a vasculhar tudo. Constataram que no andar inferior não havia muita coisa a levar. Havia uma grande quantidade de quadros na parede, representando épocas

passadas, mas isso decididamente não interessava aos dois. Somente levariam dinheiro vivo, pratarias e jóias. A arte não representava nada para o par de píffios gatunos: aproveitaram para riscar e quebrar algumas telas como verdadeiros vândalos.

Foram até a biblioteca da casa. Era grande, espaçosa, repleta de obras raríssimas. Nada encontraram que lhes chamasse atenção. Livros também decididamente não interessavam a tipos como Chico Saca-Boi e João Gadanho. No entanto, um grande volume sobre um atril de ébano despertou a curiosidade de João Gadanho.

— Dá uma olhada nesta droga aqui, Saca-Boi...

Era um livro enorme, de capa negra e dura, o título sobressaindo-se em letras góticas e douradas: *LIVRO NEGRO DAS ARTES MÍSTICAS, AUTOR ANÔNIMO*.

— Além de esculpir, o velho é chegado em magia negra e satanismo... — disse João Gadanho, apontando o livro com o queixo para Chico Saca-Boi.

João Gadanho folheou o livro, iluminando as páginas com a luz da lanterna. Estranhos símbolos ornavam capítulos inteiros dedicados às artes místicas. Foram tais gravuras que despertaram interesse naqueles dois, não os textos em si, já que não entendiam quase nada.

Eles pararam de olhar o livro quando ouviram passos. Passos lentos, trôpegos. Vinham do andar de cima.

Então o foco da lanterna foi dirigido ao cenho daquele ancião. Ele era um velho medonho, apoiado em uma bengala cujo castão lembrava um crânio humano. Os olhos do velho eram horrendos, sem brilho, pareciam os de um abutre morto ou de alguém com catarata em seus estágios mais avançados. Seu rosto horivelmente encarquilhado, sua pele seca e lívida, tudo lhe dava a aparência de um verdadeiro morto-vivo. As escassas cãs rareavam, revoltas, cabeça acima, denotando sua idade avançada. Trajava uma espécie de roupão púrpura antigo.

— Vieram apreciar a minha arte, por acaso?... — falou o velho, rindo de um modo estranho.

João Gadanho, com o pé-de-cabra em riste e os dentes rilhados numa expressão de raiva, falou ameaçadoramente, a medida em que subia a escada, seguido por Chico Saca-Boi, que segurava a lanterna, focando a luz no rosto sinistro do ancião:

— Velho, ouça bem: queremos toda a grana e tudo o mais que você tiver de valor. E não tente reagir, senão vamos ter que acabar com você!...

— O que eu tenho de real valor, vocês jamais conseguirão tirar-me, seus velhacos! — disse o velho, fazendo um esgar de escárnio, amparando-se na balaustrada. Com sua voz gutural e fraca, ele tornava-se ainda mais assustador.

— E o que você tem de real valor que a gente não possa tirar, velho? — quis saber Saca-Boi, curioso.

— A potência eletromagnética de meu espírito, meu caro!...

— Vá pro inferno, velho caduco! — urrou João Gadanho, perdendo a paciência e desferindo um golpe na testa do velho com o pé-de-cabra. O ancião caiu no escuro, rolando escada abaixo como um porco velho abatido.

Iluminando com a lanterna, Chico Saca-Boi falou:

— Olha só, o bicho velho se contorce de dor lá embaixo, no chão...

— Esse não enche mais o saco.

E eles seguiram em frente, resolutos.

O velho, caído ao chão e soerguendo com dificuldade a cabeça, olhou-os de soslaio e riu debochado, enquanto o sangue escorria denso por seu rosto. Por um instante pareceu murmurar numa língua estranha. Não pareciam simples frases, mas talvez algum tipo de conjuração estranha ou algo parecido...

João Gadanho e Chico Saca-Boi seguiram por um corredor às escuras. E foram dar no ateliê onde o ancião fazia sua arte estatutária.

Ali, uma imensa clarabóia deixava ver a grande lua cheia no céu estrelado da meia-noite; o luar iluminava estranhamente o sótão que servia de estúdio.

Os dois meliantes não entendiam muito de arte, mas estranharam o fato de não haver ferramentas usadas por escultores, como martelo e cinzel, por exemplo.

Havia uma enorme quantidade daquelas grotescas e bizarras estátuas espalhadas por aqui e ali, algumas cobertas por grandes lençóis brancos empoeirados.

Havia também o estranho teremim, colocado sobre um pequeno pedestal que mais parecia um pequeno altar.

No centro do recinto, sete globos de cristal vermelho brilhavam sobre um pedestal de aço reluzente, no qual se enroscavam sete serpentes esculpidas em bronze. João Gadanho especulou se era obra do velhote também.

Nisso, um rastejar sinistro se fez ouvir.

Os dois ladrões esbugalharam os olhos. Viraram-se e puderam ver no umbral da porta, o terrível ancião. Ele se arrastara até ali, e agora os fitava com o seu horrível olhar de sarcasmo, loucura e maldade. O rosto ensangüentado do velho o tornava ainda mais assustador e diabólico.

— Você de novo, seu *traste* velho do inferno! — rosnou João Gadanho, os dentes cariados rilhados numa expressão clara de raiva. — Pensei que tivesse dado cabo em você!

Com extrema dificuldade, e com um filete de sangue escorrendo pelo rosto, o velho ergueu-se, amparando-se em sua bengala e encostando o ombro no umbral da porta. Fuzilou os meliantes com seu olhar macabro e místico, depois falou:

— *Vasos ruins não quebram*, diz o ditado popular. É espantoso a capacidade do povo de proferir axiomas. Bem... Seria preciso muito mais que uma simples agressão física para me matar, seus inúteis. Além do mais, fiquem certo de que não temo a morte como a maioria dos boçais da humanidade. A morte é a chave que abre o portal místico que precisa ser atravessado para um novo ciclo nas eternas rondas *evolucionantes* da consciência eterna!... A carne é apenas o *recipiendário* efêmero do espírito imortal. Procurem entender, mesmo diante da precariedade de seus intelectos, seus malditos imbecis...

— Cala a boca, velho desgraçado! Você fala demais! — berrou Chico Saca-Boi, em fúria; na verdade, ele estava espumando de raiva: um filete tênue de baba descia pela comissura da boca, a veia do pescoço latejando de cólera.

— É isso aí! Fica caladinho, senão eu pego esse pé-de-cabra e acabo com a tua raça de uma vez por todas! Ouviu, seu velho desgraçado? OUVIU?...

— Pobres ineptos!... Foi muita estupidez vocês terem penetrado em meus domínios e ainda por cima ameaçar-me assim... *stultorum infinitus est numerus!*— falou o velho, rangendo estranhamente os dentes. — Se vocês ao menos pudessem pressentir o destino negro que os aguardam, ficariam mais dóceis, clamariam por misericórdia, como vermes imprestáveis que são.

E então o velho olhou para o céu noturno. Bem acima deles, visto através do vidro empoeirado da clarabóia, a lua cheia brilhava intensamente, agora aziaga, sinistra, mística, e, ao redor dela, estrelas cintilavam como olhos de aranhas na escuridão de uma tumba cósmica.

O velho estranho e ruim deu alguns passos trôpegos, adentrando seu lugar de criação. Depois ergueu os braços, sem baixar os olhos do firmamento. Com um tom de voz ainda mais solene e lúgubre, ele disse:

— Aproxima-se a hora, seus tolos! Tudo corre como o previsto. *É sempre assim.* Agora as estrelas além da loucura já estão posicionadas adequadamente, e os astros funestos contribuem novamente para o ritual mágico-artístico! Exatamente ao badalar da meia-noite, quando a lua estiver no píncaro do céu negro, sob o sétimo signo místico que a governa, e os espíritos serviçais dos quatro elementos estiverem no auge de suas cóleras, as forças incógnitas imanentes às trevas alcançarão o seu auge outra vez!... Sim, para se invocar certas forças espirituais eletromagnéticas, deve-se conhecer os algarismos matemáticos, realizar cálculos mágicos, e foi isso que eu fiz...

— Ih, Gadanho! — riu Chico Saca-Boi, debochado. — O velho filho da mãe *tá* gagá, mesmo! Não fala coisa com coisa...

— Acho que depois que eu lhe dei uma cacetada com o pé-de-cabra ele pirou de vez... — disse João Gadanho, sardônico. — Talvez uma outra pancada o cure.

— Esperem, *lapantanas!* — falou o velho, sem levantar a cabeça, sem tirar os olhos do céu escuro visto através da clarabóia. — Preparem seus espíritos, preparem suas carnes! Aproxima-se o zênite místico! É chegada a hora do ritual de sacrifício para a realização de mais uma obra de arte daquilo que os tolos chamam de sobrenatural!... *Caput mortum, imperet tibi dominus per vivum et devotum serpentem!... Cherub, imperet tibi dominus per Adam Jot-Chavah! Aquila errans, imperet tibi dominus per alas tauri!... Serpens, imperet tibi dominus Tetragrammaton, per angelum et leonem!...*

Com dificuldade extrema, ele se aproximou do teremim e começou a tocá-lo.

— Ouçam, agora... *o soberbo recital do inferno!* — berrava o velho, em júbilo sarcástico, tocando o teremim. — *A estupenda música das esferas do morte!...*

E o velho tocava freneticamente o teremim, movimentando suas mãos, ora aproximando-as, ora afastando-as do estranho e mágico instrumento musical eletromagnético. Parecia que o velho fazia um manossolfa para uma orquestra de espectros e demônios invisíveis. O som obtido era estranho e assustador. No silêncio sepulcral da noite maldita, soava quase como o gemido de uma alma torturada nas antecâmaras do inferno.

— Pára com essa droga aí, *seu* velho miserável! — urrou João Gadanho. — Esse som *tá* me deixando louco!

— Que porcaria de instrumento esquisito é esse? — também gritou Chico Saca-Boi, tapando os ouvidos com as mãos em concha. — *Pára com essa droga, velho!*

O estranho som do teremim agora parecia perfurar os tímpanos daqueles dois safardanas como um invisível punhal ardente. Era um som insuportável. Suas cabeças pareciam querer explodir como balões frágeis tamanha era a dor lancinante que sentiam.

Além da dor insuportável que os fazia se curvarem, uma estranha e elétrica dormência tomava conta de seus corpos.

— Gadanho, não consigo mexer minhas pernas...Parece que elas estão sendo atravessadas por uma eletricidade do inferno! — disse Chico Saca-Boi.

— As minhas também, Saca-Boi! Que diabo é isso?...

O velho, olhando-os com sarcasmo, e sem parar de tocar o teremim alucinante, falou-lhes:

— Vocês estão virando mais duas obras para a minha coleção de arte macabara. Este teremim mágico está completando meu trabalho de encantamento. Breve, vocês conhecerão a eternidade sob a forma de estátuas vivas!

— Ficou louco, velho? Que diabo de conversa é essa? — gritou João Gadanho.

Diminuindo um pouco a intensidade do som do teremim, ele falou:

— Há muito tempo, através de um ritual que eu aprendi num velho livro de magia negra, eu evoquei Mefistófeles, e com ele fiz um pacto para que ele me livrasse de um mal incurável. E ele me livrou. De certo modo, passamos a viver numa espécie de simbiose. Agora o meu eu parece fazer parte do dele, ou algo assim. Em troca, porém, Mefistófeles exigiu-me um diabólico estipêndio: que eu aprisionasse o maior número possível de almas ruins que consomem este mundo insano, através de um encantamento que ele mesmo veio a me ensinar. Assim, de sete em sete anos, gente perversa como vocês entram em minha casa guiada por uma sina incompreensível demais até mesmo para o meu intelecto. Minha casa funciona então como uma *ratoeira* infernal. Com a magia do teremim encantado e as forças mágicas do luar, junto com determinado posicionamento das estrelas malditas e energias eletromagnéticas dos mundos invisíveis, o ritual de aprisionamento das almas sórdidas é completado, e então...

— Então o que, velho desgraçado? — urrou Chico Saca-Boi.

— Então as vítimas ficam num estado que eu chamo de *morte em vida*! Sim, pois mesmo transformadas em estátuas, a consciência de cada vítima ainda permanece neste mundo, sob a forma pétrea de uma estátua até o final dos tempos! A vítima passa a viver numa terrível imobilidade, como se fosse uma pedra viva! Esta, meu caro, é a grande *Magia Mefistofélica*!...

Ao som do teremim sinistro, um raio mais forte de luar atravessou a clarabóia e incidiu em cheio nos sete globos de cristal vermelho sobre o pedestal com as serpentes de bronze. Ao mesmo tempo, batia a meia-noite. Uma luz vermelha manchou os semblantes apavorados dos dois ladrões. Não houve tempo dos dois malandros gritarem de terror, antes de se tornarem frias estátuas de pedra para sempre. Os olhos deles foram a última

parte a sofrer a terrível transformação produzida pelo sortilégio, de modo que puderam ver, com terrível assombro e pavor, o deboche e o sarcasmo daquele estranho ancião.

Aquele velho sinistro então soltou uma gargalhada satânica que retumbou assustadoramente na noite, juntamente com o som infernal do teremim mágico que ele tocava endiabradamente. Ele estava exultante, afinal, a macabra coleção de estátuas aumentara consideravelmente.

Se algum dia o leitor passar por Coirela Grande, não deixe de reparar no casarão no alto daquele morro, com algumas das estranhas e amedrontadoras estátuas bem na frente. Talvez até o leitor reconheça os infelizes João Gadanho e Chico Saca-Boi. Mas apenas passe e olhe rapidamente. E passe e olhe bem de longe. Talvez, se tiver um pouco de sorte, verá na janela o vulto daquele velho mefistofélico e ouvirá aquela estranha e insuportável música tocada por ele...

O DEMÔNIO DA COLINA

No mítico mundo de Yajyzlur, o mundo antigo de duas luas azuis e arcaicas, muito além das estrelas conhecidas, existia um grande guerreiro. Seu nome era Zaglar.

Zaglar, o bárbaro e guerreiro errante, seguia seu caminho pelas montanhas enevoadas de Wulwur, também chamadas de *Montanhas dos Encantamentos*.

Pelas trilhas solitárias, o sombrio bárbaro e ex-mercenário, montado em seu robusto e branco unicórnio, ia pensativo, a vasta cabeleira loira e anelada começando a balançar com a brisa do fim da noite, brisa que os antigos místicos aklyrianos diziam ser os afagos de Glulwula, a deusa yajyzluriana dos ventos.

Pela manhã, Zaglar, de Aklyr, a antiga cidade de granito e mármore esverdeado dos guerreiros selvagens e dos adeptos da magia, alcançou o verdejante vale de Minzhir, ao sul do reino de Zlur, o reflexo do sol batendo no cabo cravejado de minúsculas safiras de sua formidável espada, embainhada e presa às costas musculosas e morenas. Aquelas pequenas safiras eram do mesmo matiz dos olhos jovens e sombrios de Zaglar.

No caminho encontrou um provecto eremita, que diziam ser mago de prístinas e estranhas eras. O velho falou-lhe bem assim, quase num sussurro:

“Sou Zarathaystrus, e vivo solitariamente neste vale há muito tempo, livre como os afagos de Glulwula, bem solitário como o sol de Yajyzlur! Uma curiosidade me assaltou: que diabos quer um guerreiro aklyriano aqui, num lugar sabidamente deserto e inóspito como este? Sempre soube que aklyrianos costumam ser beligerantes, gostam mesmo é do calor das batalhas sangrentas, de tavernas sujas, vinhos inebriantes e mulheres lascivas sempre prontas a mercadejar o corpo com lubricidade e volúpia intensas”.

Zaglar, de Aklyr, também chamada “A Antiga”, fitou-o com seus olhos tristes e disse-lhe:

“Cansei-me de matanças, guerras e libertinagens de cidades depravadas, velho ermitão. Faz sete noites que abandonei tudo em busca de um sentido para minha vida. Que sentido há no existir, na vida de um guerreiro bárbaro que foi ensinado a matar desde criança, a enfrentar um campo de batalha como se fosse um jardim maldito onde a espada colhe os cadáveres, as flores negras e fétidas da morte, regadas com sangue. Agora anseio em decifrar os mistérios da vida e da morte, velho.”

Zarathaystrus sorriu com indulgência para o jovem guerreiro.

“Queres seguir comigo? Minha senda é como uma lenda cheia de mistérios sobrenaturais e inquietantes. Vem comigo, ó jovem guerreiro! Serás meu discípulo, meu companheiro de caminho e meu amigo na jornada do conhecimento espiritual!”

Zaglar, o guerreiro entediado de tantas guerras e matanças, sorriu amigavelmente e fez que sim com a cabeça, pronto a seguir seu mestre como novo e fiel discípulo. Mas antes apeou do unicórnio e soltou o lindo animal que lhe servia de montaria havia anos, a qual participara de guerras e campanhas memoráveis.

“Seguirei contigo sem a minha montaria; além do mais, chega um tempo em que até mesmo um animal também merece a liberdade, mesmo que seja um unicórnio de mágica e rara beleza e apto a cavalgar em sangrentos campos de batalha!”

O velho sorriu, observando o unicórnio branco como um fantasma indo solto, leve e livre pelas pradarias adiante. E o ancião disse ao loiro guerreiro:

“Vejo que já aprendeu a primeira grande lição, Zaglar de Aklyr: para ser livre, primeiro é preciso não escravizar, nem mesmo um animal!”

Seguiam sob o sol matinal, um conversando com o outro, como pai e filho ou avô e neto.

“Velho, observa a lâmina de minha espada”. O eremita de longos cabelos brancos e barba de igual cor e tamanho, viu Zaglar desembainhar a espada e apontá-la em sua direção, quase perto do pescoço do ancião. Zaglar segurava sua espada, parecendo querer decepar a cabeça do velho, mas, de súbito, virou-se para o lado e arremessou como uma lança seu gládio formidável, que foi cair bem longe, fincando-se no solo.

O velho sorriu.

“Acho que a segunda lição já aprendeste: para ser livre, é preciso que não derrames sangue inocente, que tenhas compaixão”.

Zaglar falou:

“Sempre soube que nas primeiras iniciações místicas e esotéricas de Yajyzlur são em número de três. Qual é a minha terceira e última lição, velho eremita e meu mestre?”

O velho falou:

“Observe lá adiante, sob aquela colina. O que vês, discípulo?”

Já era noite, agora, e as luas gêmeas e azuis de Yajyzlur iluminavam precária e estranhamente o lugar desértico. Via-se sobre a colina alguma coisa brilhante, tétrica, terrível como o fogo do Inferno yajyzluriano. Era um demônio, pensou Zaglar de Aklyr, arrependendo-se de ter jogado fora sua espada.

“De fato é um demônio”, disse o velho. “O pior de todos os demônios. E tu terás de enfrentá-lo! É o teu pior inimigo, Zaglar de Aklyr. Simplesmente *és tu mesmo*, e não precisas de espada para matá-lo, pois tua melhor arma é o teu Real Ser, o teu Eu Verdadeiro que se oculta em ti, atrás das sombras do teu Eu Inferior!”.

“Como assim, velho?”

“No topo daquela colina coloquei um grande espelho mágico que ganhei de uma caravana de Utlarg que passou certo dia, aqui. Sabes como são esotéricos os utlarguianos. Simbolicamente, o teu reflexo é o teu próprio eu. Deverás vencê-lo, porque só assim descobrirás tua verdadeira alma”.

E naquele distante e antigo mundo, muito além da mísera imaginação humana, uma nova alma principiava a deixar o calabouço do egoísmo. E Zaglar, da enevoadada e granítica Aklyr, começava a galgar os primeiros degraus da escada da mais suprema de todas as libertações: a libertação espiritual. Num futuro não muito distante, sentado em um trono de crisólita e topázio, ele se tornaria um rei, mago e guerreiro na luta contra as forças assombrosas das trevas.

O PRESENTE DA DEUSA DO MAR

I

Era a última noite do ano. Naquela praia deserta, um magote de homens e mulheres trajando roupas brancas e turbantes da mesma cor sobre a cabeça cantavam e dançavam freneticamente, ao som alucinante de tambores e atabaques. Era uma noite quente de verão, de modo que o suor grudava suas roupas em seus corpos. Alguns deles iluminavam, juntamente com a lua cheia, a escuridão da noite, empunhando tochas que dançavam sopradas pela brisa do mar como pequenas salamandras dançarinas. O grupo era composto de mulatos e negros, porém também havia alguns sararás. Eram todos descendentes de um estranho grupo dos negros *quilombolas* que habitaram aquela região, num tempo em que negros se homiziavam em lugares recônditos como animais para fugirem da sanha de capitães-do-mato, tentando escapar do insano desejo de escravizar que os homens brancos gananciosos costumam ter. Eles, os descendentes dos negros *quilombolas*, também eram membros de uma antiga e misteriosa seita, uma parte sinistra de antiga religião que cultuava deuses ancestrais que representavam as forças e energias primitivas da natureza. E eles, esses descendentes, adoravam no altar da devoção as estranhas divindades que, na verdade, talvez não fossem deuses propriamente ditos, mas sim *gênios*, *devas* ou *elementais*, entidades do lado invisível do mundo físico, regiões quase que totalmente desconhecidas da terra..

Sobre o batel, foi colocada uma criança meio sarará e albina, trajando um pequeno vestido tão branco quanto sua pureza. A criança era meiga e graciosa, mais parecendo um pequeno anjo.

Dentro do pequeno barco branco, além daquela pequena oferenda humana que era a criança, havia uma quantidade de rosas também brancas, champanhas, algumas frutas, velas vermelhas e negras, quase todas acesas e que teimavam em não ser apagadas pela brisa do mar, que aumentava de intensidade a cada momento. Era um ritual em louvor a uma deidade das águas, não havia dúvida. O ritual de uma criatura sobrenatural, antiga e poderosa. Talvez uma *ondina* ou *nereida* adorada como deusa desde tempos remotos, imemoriais.

A menina no barquinho continuava em prantos, sentada, segurando as bordas do bote com as mãozinhas trêmulas.

Os homens negros mais robustos foram conduzindo o batel mar adentro, alguns deles o empurrando pela popa e outros o puxando pela proa. Depois, quando a água ultrapassava a cintura, eles, os homens negros, soltaram o batel com a menina em seu interior.

Era mais que um ritual; era uma prova espiritual inaudita! Se morresse, a criança seria realmente uma simples oferenda, e então pereceria. Se sobrevivesse, no entanto, seria a nova feiticeira, a nova sacerdotisa ou mandingueira do lugar. Uma bruxa predestinada a possuir poderes extraordinários de magia antiga, cultuada desde tempos imemoriais por todos os descendentes daquela raça de homens negros. O destino da menina seria decidido pela *deusa* do mar, que eles chamavam... *Iemanjá*.

Faltavam poucos minutos para a meia-noite. Logo nasceria um novo dia. Breve nasceria uma nova feiticeira na aldeia de pescadores ou então morreria uma nova criança naquele estranho rito.

Os pais da criança, na praia, olhavam-na desaparecendo no mar, na escuridão amedrontadora; a menina agora em prantos, gritando, implorando através da música desesperada de seu choro, de seus soluços débeis e incontidos de medo e desespero, que eram quase abafados pelo som das ondas e dos tambores e atabaques do ritual esotérico.

O tempo se fechara sem que eles percebessem. Armara-se terrível borrasca! Logo um relâmpago desenhou no céu escuro uma luz assustadora e flamejante como o rabisco elétrico de um demônio numa lousa negra do inferno. A brisa da noite virou ventania forte agora. Era meia-noite em ponto! E a lua lançava raios tênues como que para iluminar fracamente o ritual esotérico e iniciático a beira-mar.

O trovão fez com que a menina se sobressaltasse em desespero. Ondas erguiam-se, assustadoras. A pequena lembrou-se, então, do que sua mãe lhe ensinara a fazer nos momentos de perigo. A criança então beijou a pequena medalha que trazia ao pescoço, um pequeno amuleto, algo como um talismã com o desenho de uma deidade de cabelos longos e trajando um vestido azul comprido e sensual. *A rainha do mar*, dizia a inscrição abaixo do desenho.

Inaiê... Marbô... Iemanjá!, os negros da praia cantavam como que num êxtase de devoção e sensualidade!...

A tempestade levantava vagas imensas, terríveis. O mar agora era como um monstro colossal e líquido de fúria avassaladora, incontrollável. Logo uma onda mais violenta adernou o batel, carregando a menina para as profundezas.

Na praia, o canto e a dança naquele estranho ritual cessou abruptamente e todos correram da chuva forte, exceto o pai e a mãe da menina, que abraçados e em prantos, continuaram cantando baixinho, agora ajoelhados na areia da praia. *Salve grande Oloxum*,

Mucunã! Salve Marbô, soberana Inaiê, senhora mística das águas eternas do céu, da terra e do inferno!...

Num vórtice aterrador, a menina era arrastada cada vez mais para o fundo do mar, então a pobre criança perdeu a consciência por instantes... e veio a escuridão total e aterradora da inconsciência.

De repente a menina acordou. Ela ainda estava no fundo mar, mas não se afogara, pois se sentia como se fosse um peixinho no seio do vasto oceano. E alguém a guiava pelo vasto reino das profundezas do mar, como um cicerone subaquático. Alguém a segurava ternamente pela mão, enquanto nadava com ela. Este alguém, ela notou, era uma bela mulher, uma mulher metade gente, metade peixe. Uma sereia?... *Não! É Iemanjá*, a menina pensou. *Iemanjá, a Rainha do Mar...*

Iemanjá, ou quem quer que fosse aquela criatura, sorriu ternamente para a menina quando esta olhou o desenho no amuleto e viu que era muito parecida com aquela sua salvadora.

Aquela fabulosa mulher das águas viu imensa e cândida devoção nos olhinhos ternos da menina. Então ela afagou os cabelos da criança, como que a abençoando...

Antes de levá-la a superfície, a misteriosa mulher do fundo do mar levou a menina a conhecer todas as belezas, perigos e mistérios das profundezas.

Já amanhecia na praia quando a tempestade terminou. Os pais da menina ainda estavam ajoelhados, de frente para o mar, cabisbaixos, entre um e outro soluço de pesar. Eles estavam sozinhos, pois os demais haviam ido embora, certos de que o ritual terminara e o mar, o misterioso, o impiedoso mar, com seus deuses arcaicos e inclementes, havia engolido a menina, matando-a como um grande e cruel demônio que engolia a oferenda daqueles que o temiam.

A mãe soergueu a cabeça e olhou as ondas refletindo o sol da aurora, numa derradeira esperança de reaver sua criança oferecida em holocausto àquela estranha divindade do mar. Lágrimas teimosas e amargas ainda rolavam de seus olhos entristecidos, e seu coração de mãe era como um pote da mais terrível das dores..

De repente, os olhos da mãe arregalaram de júbilo e felicidade. Um verdadeiro milagre diante de seus olhos esbugalhados! A menina, seu querido rebento, vinha sorridente saindo do mar em direção à praia, pulando divertidamente as marolas e outras ondas de pequeno porte.

O pai olhou também, sorrindo de felicidade e ao mesmo tempo estarrecido.

E eles foram ao encontro da menina, abraçando-a afetuosamente.

Viram também aquela estranha arca que era trazida juntamente com restos de algas marinhas pelas ondas até a areia da praia. De algum modo, talvez intuitivamente, os pais da criança sabiam que somente a menina poderia abrir, algum dia, aquela terrível e misteriosa caixa.

A criança sobrevivera ao estranho ritual de iniciação. Agora ela era uma *escolhida*, a portadora de poderes mágicos cedidos por uma entidade muito poderosa que morava no fundo das águas do arcaico e misterioso mar. A menina era, agora, a sucessora de sua avó, que morrera, uma semana atrás. A menina era a nova mandingueira da aldeia de pescadores...Uma nova sacerdotisa, a sacerdotisa do mar e dos deuses terríveis que nele moram desde a juventude do mundo, em eras tão antigas que ninguém jamais ousou sonhar!...

E a menina agora poderia ir ao fundo do mar quantas vezes quisesse, sem afogar-se, como se fosse uma criatura anfíbia. Poderia brincar nas mágicas profundezas abissais, brincar com a *deusa* das águas e dela ganhar presentes, brincar com os peixes, brincar com

as outras estranhas criaturas que compunham aquele lugar no fundo do imemorial e místico mar. E, quando a menina crescesse e envelhecesse, seria ainda mais respeitada e temida como mandingueira, feiticeira, sacerdotisa das antigas e misteriosas águas do mar.

II

Já era quase noite. Antes que a noite viesse, porém, veio a brisa do mar, como que sussurrando augúrios sombrios. E quando a noite chegasse para valer, traria em seu rastro uma solenidade macabra que iria cobrir o lugar como se fosse um invisível e sinistro véu de sombras. Traria o medo, com certeza. O medo, e com ele, o profundo horror. A noite seria como um espectro aterrador vestido de sombras, descendo, descendo e envolvendo tudo, manchando de trevas tudo ao redor, enxovalhando de negro os restos da luz do dia. Aquela noite, em especial, prometia ser tão perigosa quanto o delírio de um maníaco homicida.

Nuvens tão escuras como as almas daqueles desgraçados, que decerto ardem lá nas chamas dos reinos infernais, prosseguiram numa singradura célere no céu pardacento, prenunciando uma tempestade iminente.

À aproximação da procela, o mar começava a ficar banzeiro, em fúria, como um gigante condenado a uma solidão e fúria infinitas. Logo as ondas ficaram tão bravias que pareciam feras assustadas com a aproximação de um caçador. E sumiam os derradeiros arrebóis sanguíneos no horizonte de sombras sinistras, como almas incendiadas rumo aos precipícios negros do inferno.

Alguma coisa, alguma coisa nefanda, estranha e terrível parecia pairar naquele lugar, algo assim como uma terrível maldição. O lugar guardava energias cultivadas desde tempos passados. Ali tinha sido palco de estranhos rituais mágicos, rituais que quase todas as gentes dos tempos modernos ridicularizam, em suas tolas presunções e jactâncias.

Gaivotas nervosas grasnavam frenéticas à procura de um abrigo seguro nos ninhos feitos em touceiras no alto da grande falésia, que majestosamente se erguia à beira-mar como um monumento colossal esculpido pelas mãos da deusa mãe Natureza.

Em fúria, ondas cada vez mais violentas arrebentavam estrondosamente nos rochedos da beira da praia. O barulho infernal do choque parecia com o grito de um titã ferido anunciando o Juízo Final.

Duas figuras vinham lépidas, de mãos dadas. Eles eram os jovens Janice e Glênio. Desciam por uma encosta bem ao lado da perigosa falésia, encaminhando-se por uma espécie de pequena travessa que dava bem na praia.

Em sua maioria, os jovens são reservados e cheios de mistérios. Buscam comportamentos diferentes, às vezes só para assassinar o tédio e a monotonia. Quando conseguem se relacionar com alguém, a amizade torna-os ainda mais bizarros do que os adultos. Quase sempre tais relacionamentos terminam em confrontos — como acontece, aliás, com a maioria dos adultos... que esqueceram de crescer.

Ele, olhando de través, quis saber, malicioso como um jovem fauno:

— E então?... Você ainda não me disse se gostou ou não de meu...*desempenho*...

— Bem...Posso dizer que você correspondeu, mais ou menos, às minhas expectativas — disse ela, rindo meio brejeiramente, as adoráveis covinhas acentuando-lhe a beleza do rosto moreno e pueril enrubescendo levemente.

— Mas você estava ansiosa, bem nervosa, não estava? — ele quis saber.

— Um pouquinho... — ela disse. — Coisa normal, coisa de quem faz pela primeira vez.

— Claro, claro. Mais cedo ou mais tarde você iria perdê-lo, afinal, era somente uma maldita *membrana*...

— Seu bobo!... — ela riu, tímida.

Os dois se olharam ternamente.

Janice falou, então, toda emproada:

— Agora sou mulher de verdade! Sinto-me como se tivesse tirado um peso de minhas costas.

Glênio percebeu um certo orgulho nas palavras dela.

Ele falou, mudando de assunto:

— Vamos embora de uma vez, Janice. Vem aí um temporal daqueles, não vê?

Ela seguiu o olhar dele. Ele olhava o céu, o qual começara a ficar escuro e ameaçador. O firmamento parecia o fundo de uma grande sepultura cósmica prestes a explodir.

Eles dois passaram a tarde toda entregues aos arroubos da paixão juvenil. Ela, pela primeira vez; ele, sempre entusiasmado, sempre como um *endríago* voraz e lúbrico (seus hormônios eram como dragões quânticos piruetando em festas químicas glandulares)...

Distantes de todos e de tudo, ali, no alto daquela falésia, os liames da paixão entre ambos tinham ficado ainda mais fortes, pujantes.

Os dois estavam satisfeitos, agora. Ambos tinham conseguido reacender o fogo da paixão, aquele ardor imaturo, mas cheio de vida, cheio de promessas de ternura e compreensão, cheio de álares oaristos e vontades de amar, amar e amar...

Certo, era um amor incipiente, ainda. Amor juvenil, mais paixão do que amor...Um arremedo de amor, do amor que raros mortais conseguem efetivar nesta estranha senda que vai do berço ao túmulo, a vida.

E quase que tudo acabara entre ambos, na semana anterior, por causa de uma pequena e tola rusga.

De todo modo, a *briguinha* servira para alguma coisa: proporcionara as primícias de Janice!

O carro de Glênio estava logo abaixo, na praia. Um velho Opala, azul escuro, velho, bem velho, quase caindo aos pedaços.

E os dois jovens logo entraram no automóvel. Sentaram-se, trocando olhares lânguidos como quem troca figurinhas pornográficas invisíveis.

Janice disse a Glênio:

— Quero ter uma conversa séria com você, querido...

— *Ihhh!*...lá vem bomba, então. Detesto conversas sérias. A seriedade transforma o mundo numa jaula de chatos.

— Glênio!...

— Está bem. Manda bala!...

— Quando vamos marcar a data do nosso... casamento?

— *Ihhh!*...Eu sabia!...

— Glênio!...

— Olha, guria...Eu acho que você está pondo o carro na frente dos bois. Casamento, nesta crise que o país atravessa? Com o salário miserável que tão pagando pro trabalhador atualmente? Eu não nasci pra sofrer; nasci pra curtir a vida. Acho que é melhor esperar essa droga de país melhorar um pouco, sei lá...

— Esperar o país melhorar? — fez ela, indignada. — Então nós só vamos nos casar só depois de mortos, no Além. O país nunca vai melhorar, Glênio, pois é governado por picaretas, escrotos e safados...

— *Taí...* Você deu uma ótima sugestão. Vamos deixar esse assunto pra além da eternidade. O negócio é a gente continuar namorando...E não se esqueça desta grande verdade: casamento é uma estranha casa onde quem tá dentro quer sair e quem tá fora quer entrar. Loucura, loucura, loucura!...

— Glênio!...

— *Tá bem, tá bem...* Nos casamos depois que eu arrumar um maldito emprego... Vou deixar de viver de *rolos e trambiques*, eu prometo.

— Sabe, Glênio...Às vezes eu fico pensando se você não usa a desculpa do desemprego pra não casar comigo. Acho que você está me enrolando, seu malandro...

— Não é bem assim, guria...

— É, sim. Você só fica me enrolando, me enrolando... — disse ela, soltando um muxoxo de desagrado.

— Vai começar de novo? Mas que coisa! Sua mãe não vive cobrando de você que, pra casar, só quando eu tiver um maldito emprego fixo? — disse ele, seco, direto.

— Ela conhece os malandros. Meu pai era um desocupado que nem você. Só incomodou, em vida. Minha mãe não quer que sua filha case com outro traste que nem foi o marido dela...

— Ah, então aquela coroa fala mal de mim pra você?

— Acho que a mãe tem razão. Você, além de ser vadio como o seu tio Josias, não passa de um surfista vagabundo querendo conquistar todas — disse Janice, triste e aborrecida ao mesmo tempo.

— Sua mãe é o diabo, mesmo!

— Glênio! Não fale assim desse jeito! Olha, vamos parar com esse papo, senão a gente acaba brigando outra vez...

— É bom mesmo, Janice. Vamos viver o momento. *E o resto que se dane...*

— Glênio!

Glênio ainda concluiu, em pensamento:

Inclusive que se dane sua digníssima mãe. É isso aí. Ela que se dane também, aquela diaba!

Com um forte e afetuoso amplexo, Glênio a envolveu em seus braços, dando-lhe ósculos carinhosos na face macia de Janice, depois lhe beijando mais ardentemente os lábios carnudos e sensuais que eram como duas rosas vermelhas úmidas de sôfrega paixão juvenil, perfumadas pela maresia.

Foi nesse instante que Janice percebeu, de soslaio, a assustadora figura de uma velha que passava como um fantasma, bem rente ao Opala; a velhota havia descido pela trilha íngreme e serpenteante do mais alto penhasco que ficava um pouco distante da falésia, penhasco sobre o qual ficava situada sua velha e tosca casinha feita com madeira e restos de barcos de pesca naufragados que vieram dar na praia.

Janice esbugalhou os olhos.

Então ela murmurou no ouvido de Glênio:

— Glênio...Olhe, só!

— Hã?...

Glênio parou de beijá-la por um instante.

Olhou para o lado e viu aquela velha feia, imunda e desmazelada. Uma velha sarará, albina, um tanto corcunda.

— Olha só... — ele murmurou, ao mesmo tempo para Janice e para consigo mesmo.

A mondonga apoiava-se num velho e cambaio cajado. Seus cabelos, cãs desgrenhadas, agitavam-se ao vento, dando-lhe uma aparência espectral de velha górgona.

Seus pés descalços pisavam na areia molhada, devagar, quase levitando.

Glênio observou o rosto da velha. Um rosto encarquilhado, um velho semblante onde se estampava ao mesmo tempo maldade e enigma, sabedoria e arrogância.

Magérrima, esquelética, ela continuava caminhando, olhando em frente, mostrando-se indiferente a tudo e a todos, como se estivesse numa meditação infernal.

— Mas quem será essa velha? — indagou Glênio, debochado, respondendo para si mesmo, logo em seguida: — A mulher do Matusalém, é claro!...Que *museu* ambulante!...Acho que ela já morreu, mas esqueceram de enterrá-la.

— Glênio, não brinque assim! *É ela!*

— Ela quem?

— *A velha mandingueira!*

— Velha mandingueira?

— Sim, ela mora sozinha na velha casa no topo do penhasco — respondeu Janice, cochichando e apontando para a velha e tétrica casinha, situada quase na beira do penhasco. — Minha mãe diz que ela fala com os orixás. Outras pessoas dizem que ela tem é parte com o Demo.

— Sei. *Parte com o Demo*. Eu também tenho. *Você* também tem. Provavelmente, todo mundo tem parte com o Demo neste mundo infernal.

A ironia do rapaz irritou a moça.

— Glênio!...

— As pessoas usam o Diabo como desculpa para as suas safadezas e artimanhas...O Diabo são as pessoas, Janice. Entenda isso.

— Pode até ser, mas no caso dessa velha a coisa é diferente...Olha, não brinque, não. Ela mexe com coisas do sobrenatural. Dizem até que ela conversa com todos os espíritos e orixás, principalmente a *Rainha do Mar*...

— *Rainha do Mar*?

— Olha! Não brinque, não! Minha mãe contou...A *Rainha do Mar* é Iemanjá!

— Você é uma tonta, mesmo. Não vá atrás das tolices *sobrenaturais* de sua mãe. Ela acredita até em bicho-papão. Diabo, Iemanjá, orixás, sereias, ondinas...O que quer que sejam, tudo, no fim das contas, não passa de um monte de bobagens supersticiosas, pasto *pros* ignorantes. Os verdadeiros demônios são aqueles que nos governam, os políticos, por exemplo.

— Não brinque com essas coisas...

— A tal velha mandingueira que já vai lá deve ser uma macumbeira barata, com seus saravás idiotas e seus despachos imbecis. No fundo, deve ser é uma caduca, uma louca. O peso da idade não apenas curva o corpo das pessoas, mas também suas mentes. Entenda isso, guria.

— Talvez você tenha um pouco de razão — concordou Janice —, mas é bom não mexer com ela, por via das dúvidas. Dizem que ela é muito vingativa. Quer ouvir a história dela?

— Conta, vai. Tenho um amigo, o Rogério, que escreve contos de terror nos fins de semana; um escritor de fim de semana, digo. Depois eu passo a história pra ele.

Janice começou a contar:

— Minha mãe contou coisas sobre a velha mandingueira. Coisas estranhas e terríveis. A velha, quando criança, recebeu da deusa das águas o dom de mexer com coisas do mundo que estão invisíveis aos nossos olhos; nós chamamos coisas do sobrenatural, mas são coisas de um mundo invisível e mágico que permeia o nosso, ou melhor, que coexiste com o nosso. A velha tinha um marido meio louco, que se dizia portador de uma estranha clarividência que lhe permitia ver mundos infernais, que depois acabou se atirando lá de cima do penhasco. Tudo aconteceu há muito e muito tempo, quando Enseada das Virações era pouco mais que um vilarejo de pescadores. Talvez o marido da velha, na verdade, fosse um lunático, um pervertido com problemas espirituais e psicóticos. Talvez. Minha mãe acha que foi ela, a velha mandingueira, quem o empurrou de lá do alto, pois, embora os dois vivessem juntos, não se davam muito bem. Viviam às turras, os dois. Brigavam feito cão e gato numa verdadeira guerra de *egos* endiabrados.

— Até aí, nenhuma novidade. De louco, todo mundo tem um pouco. E briga de casal também não é novidade... Casamento é assim mesmo: quem tá dentro quer sair, quem tá fora quer entrar... — disse Glênio, rindo.

— Talvez, Glênio... — disse ela, esboçando um meio sorriso.

— Vem cá, e a polícia? O que concluiu? Suicídio?...

— Já lhe disse: isso tudo foi há muito tempo atrás, quando Enseada era apenas um lugarejo insignificante. Não existia sequer um posto policial por perto, quanto mais uma delegacia. Enseada das Virações era praticamente uma terra sem lei.

— Sei...

Janice continuou:

— Mas a verdade é que todos sabiam que ela mexia com feitiçaria, catimbó, magia negra das brabas!

— Bem, mesmo assim, pra mim é tudo besteira. Tolices. *História pra boi dormir. E eu não sou boi e nem quero dormir.*

— Você, Glênio, é um cético perfeito. Não acredita em nada, nem em coisas que estão além de sua compreensão. É um ateu incorrigível. Um materialista empedernido. Em que você acredita, afinal?

— Eu sou um *iconoclasta* — respondeu ele, apalpando os seios pontudos da jovem morena. —...e um *sensualista*, é claro. Eu leio muito, gurria. Não sou tão bobo quanto pareço. Sou um cara esclarecido. Posso ser malandro mas não sou burro.

— *Você é um safado, isso sim!* — brigou ela, dando-lhe um leve tapinha no rosto de seu namorado. Ele se esquivou de um outro tapa, rindo como uma hiena bêbada. — Você só pensa *nessas coisas*?

— E tem algo melhor pra se pensar? No que você quer que eu pense? Na economia do país? Na cambada de espertalhões que governa a droga do mundo? Nas pessoas que morrem de frio e fome por não terem tido uma chance na sociedade? Nas guerras sangrentas que matam milhares e milhares de crianças inocentes?...

— Está bem, está bem...Poupe-me de seus discursos...

— Pra onde será que a tal velha mandingueira vai? — quis saber Glênio, curioso, ao ver a velhota se afastando pela beira da praia.

— Não percebe? Ela está catando lenhas trazidas pela maré — Janice respondeu, apontando com o queixo para a velha, que então se agachava com dificuldade, recolhendo pequenos pedaços de lenho sobre a areia.

— Ah, bom...

— Decerto ela vai preparar um cozido... — arriscou Janice.

— Sei. *Mariscos com pedaços de cérebro humano. Blearghh!* — falou Glênio, fazendo um esgar de nojo.

— Seu bobo! Garanto que se ela fizesse um ensopado com o *seu* cérebro, a velha teria uma baita indigestão.

Eles dois riram.

De súbito, Glênio parou de rir e estalou os dedos da mão, falando:

— Acabo de ter uma idéia mirabolante, Janice!

Ela parou de rir. Quis saber dele:

— Que idéia é essa?...

— Que tal se a gente subisse lá no penhasco e entrasse na casa da velha maluca?

— Ficou louco? Fazer o quê, lá?

— *Bisbilhotar*. Quem sabe a gente não encontra o demônio em pessoa, por lá. A gente aproveitaria e pediria pra ele um bom emprego. Um cargo nada pequeno, pra começar. Um cargo comissionado, por exemplo. *Assessores do diabo*. Que emprego, hein?...Melhor que isso, só sendo assessor de deputado.

Ela riu. Ele também.

— Você é maluco mesmo, Glênio.

— Veja...Ela já vai lá longe; continua ajuntando gravetos e lenhas. Olha lá, olha lá!...Agora ela sumiu atrás daquela duna.

— É...

— Vamos! Ela é tantã da cabeça, mesmo. Se ela voltar e nos pegar em flagrante, podemos dizer que queremos uma ajuda espiritual...

— Será divertido, apesar de eu estar um pouco receosa com essa velhinha... — ela pensou, alegre. Depois olhou, pensativa, para a casa da velha.

— Vamos?

— Vamos, então. Mas tem que ser bem rápido, pois ela pode voltar e nos pegar.

— A gente só dá uma olhadinha e pronto.

— Então vamos!

Saltaram do carro e correram, vez por outra olhando para trás, para verem se a velha estava retornando.

Subiram o caminho tortuoso que conduzia ao cimo do penhasco, onde estava a casa da velha mandingueira.

A casa tinha uma varanda pequena onde zuniam moscas varejeiras, daquelas bem grandes, roliças e verdes. Era um *ror* de moscas nojentas que voavam frenéticas por ali, como minúsculos demônios alados do inferno.

— Meu Deus, quanta mosca! — comentou Janice, desferindo no ar alguns tapas, tentando afastar os insetos alados repugnantes. — E que fedor! Até parece que tem alguma coisa morta lá dentro. Ai, Glênio, será que...

—...Tem um cadáver lá dentro?

— Ai, meu Deus...

— Que nada! Aquela velha só mata mesmo é frango de macumba pros seus saravás idiotas. Acho que deve ser peixe que a velha tem guardado...Ou então a velha é que é porcalhona mesmo...

Glênio espiou pela velha gelosia. Estava escuro lá dentro. Não deu para ver muita coisa.

Glênio brincou:

— O fedor deve ser do maldito penico da velha, muito provavelmente...

Os dois nem notaram que a tarde morrera e a noite surgira com seu manto de sombras sinistras.

Glênio dirigiu-se até a porta da casa, pondo a mão na maçaneta fria e enferrujada pela maresia, girando-a.

A porta abriu lentamente, rangendo alto, os gonzos guinchando como demônios exultantes foragidos das cloacas pútridas dos reinos infernais, reinos estes que sempre estão sempre de portas abertas para os mortais.

— Está aberta, a casa. Ela deixou a porta só encostada. Neste fim de mundo, quem apareceria para arrombar a casa?

Janice respondeu:

— Bisbilhoteiros como nós!

— A velha mandingueira não deve ter nada que preste aí dentro, senão trancaria a casa.

— Será que ela não tem cachorro, Glênio?

— Dentro de casa? Acho que não. Bruxas têm é gatos, normalmente. Gatos pretos. Se tiver um gato aí dentro, dou um chute e jogo o desgraçado longe. Detesto gatos. *São uns folgados*. São animais estranhos, os gatos. Estranhos, mas bem espertos e vadios. Uma vez, quando eu era pequeno, apareceu uma ninhada de gatos nos fundos do quintal lá de casa. Quando os malditos crescessem, pensei comigo, só iriam querer sombra e água fresca. Afinal, pra que servem gatos? Cães ainda cuidam das casas de seus donos, mas gatos, gatos são uns imprestáveis. Bem, aí eu peguei tudo, botei num saco e afoguei a diabada toda num riacho. Os bichos gritaram tanto que parecia um coral de bruxos queimando no fogo do inferno!...

— Deixa de história, Glênio. A velha não tem nada que nos interesse. Vamos embora, vamos!

— Calma, guria...Vamos dar uma olhadinha. A porta do inferno foi aberta, não custa nada dar uma olhadinha na casa do capeta... — disse, rindo.

— Glênio!

— A nossa *aventura* de vir até aqui *tá* ficando parecida com uma cena do filme de terror que assistimos semana passada, lembra? *Morte na Casa do Demônio: Parte VII*. Era este o título do filme. Um filme idiota, sem dúvida, típico desses americanos paranóicos, mas um filme muito, muito divertido...

— Glênio! Estou começando a ficar com medo. E se ela tiver um filho psicopata aí dentro?

— Com um machado na mão pronto pra decepar nossas cabeças, que nem no filme que vimos?

— É.

— Não se preocupe. Se a velha tiver um filho, este deve ser um retardado ou aleijado...

Janice olhava de vez em quando lá para baixo, para a praia. Um crescente receio de que a velha retornasse subitamente e os flagrassem em seus domínios.

Eles entraram. Lá dentro estava escuro.

Glênio tirou do bolso da jaqueta o pequeno isqueiro à gás, premindo a pequena tecla do mesmo, acendendo-o.

Então os dois puderam ver os estranhos artefatos dependurados no teto, os quais moveram-se como móveis bizarros com a entrada da lufada de vento pela porta aberta. O que era e para que servia exatamente aquilo tudo exatamente, ninguém sabia dizer, exceto a misteriosa velha.

Sobre o umbral havia uma carranca grotesca e hedionda. Era um adorno horrendo, provavelmente tirado da proa de algum antigo barco naufragado.

Também havia um velho quadro de gosto duvidoso. Na tela via-se um estranho e grotesco símbolo místico. Parecia ser uma espécie de *mandala* ou coisa parecida.

Vários escapulários sobre o tampo da velha mesa, além de um alguidar com água de mar e pétalas de rosa vermelha em seu interior. Restos de velas vermelhas apagadas por toda parte. Provavelmente sobras de um ritual de magia negra.

No interior da casa aquela enorme quantidade de moscas zumbiam, rondando como minúsculos abutres. Realmente as *beronhas* voavam em verdadeiros enxames, parecendo liliputianos demônios alados num balé aéreo dedicado aos deuses da imundície e da podridão.

O fartum asqueroso e insuportável impregnava o ar, tornando a atmosfera dentro de casa quase irrespirável.

— *Jesus!* Que fedor! É como se tivesse mil cadáveres podres aqui dentro! — exclamou Janice.

— É. E não parece peixe, não. É mesmo algo como uma carniça miserável, sei lá, guria!

— Glênio...Acho que vou...vomitar ... — disse Janice, sentindo fortes náuseas, já começando a ter engulhos incontroláveis.

— Calma, calma! Respire fundo! Agüenta firme aí! — disse Glênio, caçoando um pouco, mas denotando certa preocupação nos olhos.

— Glênio! – irritou-se Janice.

— Tudo bem, tudo bem. Agüenta só mais um pouco. Já vamos sair.

Ela procurou se controlar por alguns instantes. E conseguiu.

Glênio ainda comentou:

— A maldita velha é louca mesmo, pois só uma pessoa realmente muito louca viveria aqui dentro, neste fedor, nesta imundície miserável.

— Talvez seja uma espécie de incenso... — arriscou Janice, tapando o nariz com a mão.

— Que incenso, guria! Olha, pra mim a velha não passa de uma grande porcalhona mesmo! — gozou Glênio, gargalhando, para dar ainda mais ênfase à sua facécia.

— Doido! — disse Janice, tapando ligeiramente a boca e o nariz, agora com as duas mãos, e saindo de dentro da casa em passos lépidos.

Já na varanda, Janice tentou apoiar-se à balaustrada baixa e carcomida de cupim.

Ela regurgitou, numa rápida e forte golfada.

Tossiu um pouco, respirou fundo. Murmurou para consigo mesma:

— Droga...

Lá dentro, Glênio pusera-se a examinar melhor a casa.

Usava parte de sua jaqueta como máscara, já que o cheiro era deveras insuportável.

Iluminando com a chama pequena do isqueiro, Glênio observou um nicho no canto da minúscula sala. Em meio às sombras, naquele nicho, havia uma velha arca ou caixa revestida de couro negro. A grande e estranha arca ou mala estava coberta de teias-de-aranha.

— Vamos embora, Glênio! Chega de aventuras e emoções fortes por hoje! — era a voz de Janice, que vinha lá de fora. — A velha mandingueira pode chegar a qualquer momento! Além disso, não estou legal... Acabei de vomitar, Glênio...

— Já vou, já vou! Espere só mais um pouquinho! Acabo de encontrar uma coisa, aqui! — gritou ele, entusiasmado. — É uma espécie de arca, sei lá!... Quem sabe não guarde um tesouro da velha?...

— Ande logo, Glênio!

— Tá bem!

Glênio observou que, sobre a tampa da velha arca, e mesmo ao redor dela, havia quantidade ainda maior de moscas, quase todas pousadas.

Glênio pensava, movido pela curiosidade:

Acho que o motivo pelo qual tantas moscas foram atraídas pra cá está exatamente aqui, bem aqui dentro! O que será que tem dentro desta arca? Será um tesouro oculto, e o mau cheiro é só para afastar os ladrões?...Se não for peixe, então, muito provavelmente é alguma coisa morta! Meu Deus será um cadáver esquartejado de um infeliz que tentou roubar um tesouro da velha? Bem, de qualquer modo, vamos descobrir isso logo de uma vez... Porém não posso assustar Janice mais do que ela já está...

Lenta e cuidadosamente, Glênio abriu a tampa da arca.

Súbito, seus olhos ficaram esgazeados de tanto pavor. Seu coração disparou velozmente como um cavaleiro cavalgando pelas obscuras planícies do medo. Sua voz ficou trêmula, desesperada.

— Meu Deus!...Janice, não podes imaginar o que vejo aqui dentro! É uma coisa terrível!...

— O que foi, Glênio?...

— É uma coisa... Meu Deus!...Uma coisa horrível, Janice!... Ai, meu Deus!... Janice!...Te manda! TE MANDA!...

— Mas o que foi?...

— Corre! Não dá mais pra eu escapar!...Ai, meu Deus! Vou morrer, Janice! Vou morrer!... Foge! TE ARRANCA, guria!

Lá fora, ao ouvir o grito lancinante de dor e terror expelido pela garganta de seu namorado, Janice estremeceu, os joelhos fraquejando de tanto medo. Seus cabelos arrepiaram-se todos. O sangue gelara em suas veias. Ela empalidecera por completo.

— *Glênio?* — ela falou.

O pavor da jovem aumentou quando ela ouviu um segundo berro, mais aterrador que o primeiro. Um urro, um urro bestial, algo como uma mistura de regougar irado com um guinchar gorgolejante de fúria. E certamente não era outro grito de Glênio. Era um grito que não era humano, disse Janice teve certeza.

E num clamor desesperado, ouviu-se a voz do rapaz ecoando, num último e dramático apelo (ele estava em prantos, Janice podia ouvir):

— Foge, Janice! Pelo amor de Deus!... *Foge, porra!*...

Trêmula e hesitante pelo grande cagaço, Janice foi até a porta, contrariando os apelos desesperados de seu namorado.

— *Glênio?*

Ouve um silêncio aterrador.

Então Janice começou a ouvir um outro som, um som medonho. Era o terrível barulho de ossos sendo quebrados... Os ossos de Glênio!

Abrindo a porta, entrou, enquanto continuava falando, entre amedrontada e irada:

— Glênio, seu idiota! Pare já com essas suas brincadeiras estúpidas e ridículas! Agora compreendo: é mais uma de suas brincadeiras cretinas! Vamos logo embora deste lugar horrível!...

Era noite escura, agora. E o vento começara a soprar forte, mais cortante e frio que o gume de uma navalha na garganta de um inocente.

E, de repente, Janice gritou, tomada pelo horror extremo, no exato momento em que se iniciava uma tormenta infernal. Trovões estrondosos, relâmpagos assustadores! O terror atingindo o clímax !

Lá fora, a velha mandingueira se aproximava ligeiramente, agora.

Ela vinha pela beira da praia, com um pequeno feixe de lenha num dos ombros, sempre caminhando, ou melhor, claudicando. Sua cabeleira despenteada esvoaçando loucamente, acentuando na velha a aparência de medusa.

Antes de subir o penhasco, ela parou um instante.

E, depois de um momento, pôs o feixe de lenha no chão, aproximando-se do veículo de Glênio.

Agachando-se com muita dificuldade perto do pneu do carro, ela esvaziou-o com a ponta de suas grandes e afiadas unhas, num golpe forte demais para uma pessoa de daquela idade.

Ela então soltou uma risadinha medonha de puro escárnio e maldade, o rosto iluminado fantasticamente pela luz fugaz de um relâmpago.

Girou nos calcanhares, voltou e recolheu o pequeno feixe de lenha, subindo pela estreita e coleante estrada.

Seu semblante agora estava diabolicamente exultante. Resplandecia de terrível maldade, uma maldade sem limites.

III

Pouquíssimas coisas agitam a crônica policial da quase sempre pacata localidade de Enseada das Virações. Mesmo na alta temporada, com a invasão de turistas encenqueiros oriundos da capital.

Quando a polícia civil foi acionada para investigar o caso do misterioso desaparecimento do jovem casal de namorados, não foi dada a devida importância, nem houve muito bulício. A polícia da cidade acreditava que fosse mais um simples caso de um jovem surfista que se apaixonara por uma garota bonitinha, e que resolvera *roubá-la* da família, que provavelmente não aprovava o namoro.

Quando o Fusca branco com os dois beleguins à paisana em seu interior estacionou ao lado do Opala abandonado de Glênio, eles viram que, sobre o capô e sobre o teto do veículo havia várias gaivotas que, assustadas, logo alçaram vôo, grasnando nervosamente.

A lataria do Opala estava todo lambuzado de excremento daquelas aves. Começava a enferrujar em certos pontos, principalmente devido à ação constante da maresia e das chuvas ocasionais.

Os dois investigadores de polícia conversavam, então:

— Pela descrição que nos foi dada, este carro tem tudo pra ser o do tal rapaz chamado Glênio Almeida — disse um dos policiais, ajeitando o boné e os óculos escuros. — Note que o pneu está vazio. O casalzinho deve ter ido a pé, pela praia.

— A mãe da guria disse que o rapaz é um tremendo vagabundo. Um desses surfistas ordinários, um rato de praia, pra ser mais exato... — comentou o outro.

— Vai ver os dois fugiram mesmo e estão por aí, escondidos, usando drogas e fazendo sacanagens como doidos...

— Dou o meu pescoço pra degola se não for isso! Está na cara! A guria, dizem, é uma *tentaçãozinha*, uma verdadeira bonquinha de porcelana!

— Realmente. Tive a oportunidade de conhecê-la, certa vez, no carnaval. Cara, que *rabiosque*! E tem mais: uma coquete, aquela. Pelo menos é o que o povo fala, *né*, não sei... Eu posso até estar errado: o povo é muito falador, fofoqueiro, você sabe.

— Quer saber duma coisa? Pois deve ser mesmo! Eu também ouvi esse boato. Todo mundo diz que ela era uma *danadinha*...

— *Epa!* Olhe só quem vem lá! — disse o outro policial, apontando com o queixo para a velha lá no alto do penhasco, descendo-o vagarosamente. — É a velha mandingueira, já ouvi falar dela! Talvez ela tenha visto algo...

— Duvido. Depois que o marido dela se matou, ela ficou meio retardada. Quer dizer, pra mim já era louca antes, depois então ficou duplamente louca. É inofensiva como uma mosca velha. Sua loucura é pouco mais que uma idiotice descontrolada. De qualquer modo, amanhã a gente vem de novo e interroga esse caco velho, só pra matar o tempo.

— Bem, então que se dane! *Tá* na hora da gente ir embora mesmo. Acabou o nosso horário de serviço. O delegado Souza que vá pro inferno, já cumprimos a porra do nosso horário. E, além do mais, nosso salário é uma bosta miserável, de modo que não vale muito a pena se matar de tanto trabalhar, você sabe...

O outro riu e disse:

— Um policial é policial vinte e quatro horas por dia, esqueceu, malandro? É o que delegado Souza costuma dizer pra nós...O delegado Souza, aquele filho da mãe.

— É, aquele porco suarento que vá se danar! E você sabia que ele anda com pretensões políticas? Quer se candidatar a vereador, pra depois se candidatar a prefeito e assim por diante. Pode um negócio desse?...

E ambos riram.

E depois de alguns instantes, foram embora.

Já quase na praia, a velha curvou os lábios ressequidos num sorriso sardônico, cheio de maldade, esfregando nos dedos o estranho amuleto pendurado no pescoço.

IV

Josias Lopes era um tipo especial de malandro entre tantos outros de Enseada das Virações. Fazia da contravenção a sua maneira de ganhar a vida, o seu ganha-pão mesmo. A velhacaria sem limites era um de seus pontos fortes, a malandragem total era o seu lema.

Aos 40 anos, beberrão e solteirão, ele passava metade do dia trapaceando; a outra metade ele ficava na mais completa ociosidade, às vezes, em crises de depressão profunda, vencido por uma amargura insuportável, tomando umas e outras para aliviar o nojo da vida.

Sim, à noite, caía nas farras da boêmia mais desvairada para esquecer o veneno da vida.

Josias vivia metido em *rolos*, como ele mesmo definia seus *negócios*.

Era um *pássaro* esquisito, esse Josias. Uma ave de rapina, na verdade. Uma ave de rapina pronta para atacar e contra-atacar. Para ele, o mundo era uma guerra de espertezas. Ele se considerava um soldado desertor da sociedade, um franco-atirador pronto para se dar bem a qualquer custo.

Apesar de usar apenas o seu modesto intelecto de malandro para extorquir dinheiro alheio, não deixava de valer-se da violência, quando não achava um otário. Assim, além de seus estelionatos e calotes, vez por outra furtava e assaltava também.

Nunca fora apanhado pela polícia. Fazia a coisa bem feita. Além do mais, parte da polícia da cidade quando não era incompetente e ociosa, era corrupta e bandida também. De modo que Josias sempre se safava, depois de pagar umas cervejas ou pequenas propinas para os tiras corruptos.

Já fazia um bom tempo que seu sobrinho desaparecera. Josias cagava e andava para o imprestável sobrinho Glênio. Até os investigadores de polícia, negligentes, deixaram de envidar esforços na busca de Glênio e Janice. Os dois eram filhos de gente pobre, de modo que logo a imprensa local (composta por uma pequena rádio onde papagaios aduladores de políticos falavam o dia todo e um jornal de pouca tiragem onde nescios ilustrados escreviam seus artigos e colunas sobre o nada da cidadezinha) e também as autoridades esqueceriam aquele mistério.

Aquele trolha imprestável do Glênio deve ter dado o fora desta cidade de miseráveis e vagabundos, juntamente com a sua namoradina, pensava Josias. Na nossa família não nasceu ninguém que prestasse mesmo. Parece uma maldição, uma maldição do inferno...

Numa noite fria de outono, no botequim do Zoca, uma tasca ordinária situada quase à beira-mar, freqüentada por pescadores abrutalhados e indolentes da pior espécie, Josias descobriu que talvez pudesse sair da pindaíba na qual se encontrava. Quem sabe partiria para Maremontes, uma cidadezinha agradável bem ao sul, atualmente muito próspera.

Enquanto bebia um trago de conhaque para afugentar o maldito frio da noite, pusera-se a ouvir atentamente a conversa de dois velhos pescadores, então já *temulentos*, sentados a uma mesa próxima.

Espalhafatoso, um dos pescadores dizia ao outro, lançando perdigotos no ar:

—...Pois eu te digo uma coisa, Olendino: aquela velha *caborjeira* do inferno não só tem parte com o Capeta! Ela tem conchavo também com os orixás! Principalmente com *Iemanjá, a Rainha do Mar!*

— Iemanjá? – o outro perguntou.

— A própria!

— Não pode ser! *Tá* brincando, homem?...

— Brincando o caralho, porra!

— Mas Iemanjá não é do bem? Como é que ela conversa com a velha bruxa?

— Ah, meu camarada...Iemanjá, no fundo, no fundo não tá nem ligando pra esse negócio de bem e mal! *Quem a agrada, tem tudo com ela! Ela é um orixá, e os orixás tão acima do bem e do mal...*

— Será possível?

— É! E tem mais, ó: quem tem um pingão de juízo na cachola evita aquela parte mais erma lá da praia, principalmente o penhasco grande. Os antigos já diziam: *existe uma força misteriosa e sobrenatural por aquelas bandas de lá. Acontecem coisas muito estranhas naquele lugar. Sabe como é que os mais antigos chamavam aquele penhasco, Olendino?*

— Não, não sei não, Tonico...

— *A Corcova do Diabo!...*

— Puta que pariu!

Os dois riram, mais para espantar o medo. Tentavam disfarçar o medo através do riso, é claro.

— Olendino, vou te dizer uma coisa: minha falecida vó dizia que a velha mandingueira lá do penhasco é mais velha do que o pecado. Tem de duzentos anos pra cima, no mínimo, aquela carcaça velha. Acho até que ela não morre mais. Acho que ela vive neste mundo, mas não pertence mais a ele. Falando sério: a velha é neta de uma escrava com um pirata que fugiu pra cá, bem antigamente, quando os estrangeiros filhos da puta colonizaram o nosso país.

— Vai ver que essa velha desgraçada tem bastante grana, *hein?*

— É o que eu ia te dizer, Olendino! Dizem que ela tem um tesouro! *Um misterioso tesouro que a própria Iemanjá deu de presente pra ela!*

— Que tesouro será esse, porra?

— Ninguém sabe. Nunca ninguém ousou assaltar a casa da velha até hoje. Ninguém é macho o bastante para isso — continuava Tônico em sua caturrice. — A velha mandingueira é enfezada. Mexe com magia negra das brabas, aquela lá! Fala com os espíritos errantes da noite e também com os demônios vadios das profundezas do mar. Iemanjá gosta muito dela porque ela bota muitas oferendas no mar. A velha é ladina como o diabo.

Josias escutara atentamente a conversa daqueles dois pescadores ordinários. Já ouvira falar da velha, antes, mas nunca tinha dado a devida atenção. Coisas do sobrenatural nunca interessavam para ele. Mas agora, que estava numa merda danada, a coisa simplesmente mudava de figura. Por que não fazer uma *visitinha* à velha mandingueira? Sim, uma *visita*. Mas certamente não seria uma visita amistosa...

Josias tomou o último gole e, vendo que o dono do frege-moscas — o gordo, gago e míope Zoca — atendia um outro freguês, aproveitou o azo para esgueirar-se, sair de mansinho, sem pagar.

Na rua, enquanto caminhava pela praia, sob a difusa luminosidade da lua cheia, Josias pôs-se a ruminar sobre o tal tesouro da velha mandingueira. Seria realmente verdade ou mais uma história de pescador bebum? Quem poderia saber?

Josias cofiou a barba e falou consigo mesmo, em pensamento:

Por que não tento? Se for mesmo verdade que a tal velhota tem um tesouro, posso afanar tudo e depois azular desta cidadezinha praiana de merda. Se a velha esboçar uma reação qualquer, basta umas boas bordoadas e ela fica mansinha, mansinha!

Ele riu sozinho.

E, resoluto, lá se foi o patife, rumo ao penhasco da praia, rumo à casa da velhota.

Mais ou menos, ele já sabia onde ficava a casa; já passara por perto, certa vez, num carnaval muito doido, junto com uma *piranha* muito louca.

Soprava um vento sul muito forte e frio que mais parecia o sopro de um invisível gigante do inferno em peregrinação pela face da terra.

Ali está! É a casa da velha mandingueira!, pensava Josias. *Essa conversa de que a velha tem amizade com Iemanjá, pacto com o diabo, que é bruxa e coisa e tal, não me assusta nem um pouco. É tudo idiotice de caçara supersticioso e medroso. Acho que a tal velha deve ser é bem caduca, isso sim.*

Ele desembolsou um canivete, desses automáticos, e continuou pensando:

De qualquer modo, estarei preparado. Se a velha imprestável se meter à valentona, furo as tripas dela! Ela vai ter de me dar alguma coisa de valor, ah, vai! Não vou perder meu tempo e nem a viagem, não...

Na varanda da casa, ele espiou pela gelosia da janela.

Havia um pouco de luz, a luz bruxuleante de um velho candeeiro.

A porta estava aberta, convidativa. Josias estranhou, mas mesmo assim foi. Talvez a velha tivesse saído e esquecido de fechar a porta. Josias tratou logo de entrar, devagar, cauteloso.

Fascinado, ele observou aqueles estranhos objetos que enfeitavam a casa, apesar do mau-cheiro horrível e as moscas zunindo.

De súbito, ao virar-se para o lado, eis que Josias se depara com a figura assustadora da velha mandingueira, a luz do candeeiro emprestando ao seu rosto muito encarquilhado um aspecto fantasmagórico.

Josias levou um susto.

Por sua vez, a velha sorriu maliciosamente.

Josias, com o canivete em riste e um olhar ameaçador, puxou a velha pelos cabelos, para perto de si, encostando a lâmina rente ao pescoço dela.

— Velha cretina! — berrou ele, com raiva. — Você pode meter medo nos pescadores cagões desta cidadezinha de desgraçados, mas não em mim!

A velha gemeu algo que ele não entendeu.

Ele continuou ameaçando-a:

— Não me importo nem um pouco com as suas mandingas estúpidas, velha do inferno, estropício do mundo!...

A velha riu sarcasticamente.

Ele ameaçou ainda mais:

— Por que ri? A tua situação não é nada boa, velha! Passa logo toda a grana que tiver, tudo o que tiver de valor, se não quiser morrer!

A velha não disse palavra. Sempre aquele sorriso debochado desenhado nos lábios ressequidos.

Josias berrou, irritado, atirando-a de súbito ao chão:

— É muda, velha? E ainda fica rindo de mim? Pois então fique aí, bem quietinha, seu caco velho!

Josias mexeu e remexeu em tudo. Devassou tudo. Profanou aquela casa, que apesar de ser pouco mais que um mísero pardieiro, tinha valor esotérico para a velha, um valor místico incalculável, pois ali eram geradas forças místicas indizíveis. A sua casa era para ela como um lugar sagrado, um templo ou santuário onde misteriosas energias da natureza fluíam, invisíveis, portentosas, terríveis!

Com fúria, Josias arrancou os móveis de conchas e atirou-os contra a parede. Depois ele perfurou com o canivete todos os escapulários de magia.

— Porcaria! Pra que essa porra toda? Você não tem nada de valor aqui, além dessas quinquilharias e tralhas místicas? E o tal tesouro que, dizem, você tem, maldita velha dos infernos? *Cadê a porra do tesouro, desgraçada?...Desembucha logo!*

Resolveu extravasar sua ira em alguém que, aparentemente, era mais frágil que ele, alguém como aquela velha mandingueira. Aproximou-se da velha, ainda caída, e chutou-lhe com violência ímpar o abdome da mulher.

A anciã gemeu, encolhida. Contudo, ergueu a cabeça e o fitou, rindo sarcasticamente.

— Velha louca! — vociferou Josias, colérico, vendo-a rir debochadamente.

De repente, de soslaio, Josias avistou a estranha arca. E aproximando-se curiosamente da estranha caixa, falou:

— Ah, então é aqui que você guarda as suas coisinhas, hein? O tal tesouro da conversa dos pescadores deve estar aqui...

Ele foi abrindo lentamente a tampa da grande arca, as moscas alçando vôo, agitadas, fugindo dali.

Foi aí que ele viu o cúmulo do horror!

Havia aquela coisa horrível dentro da arca, uma coisa terrível, inominável. Aquela mesma coisa horrenda que matara impiedosamente Glênio e Janice, que os devorara impiedosamente, famelicamente!

A monstruosa garra saída do interior da caixa envolveu o pescoço de Josias. Era como a garra de um caranguejo gigantesco.

— *Larga, diabo! LARGA!LARGA!* — gritou ele, desesperado.

Então Josias lembrou do canivete. Tentou espetar o monstro com uma fúria nascida do desespero, porém aquela garra era dura demais. A lâmina quebrara. Josias ficou totalmente

à mercê da sanha sanguinária daquela coisa aterrorizante que lembrava um crustáceo artrópode gigantesco.

Josias não conseguiu emitir um grito de dor, apenas grunhiu algo quando sentiu sua traquéia ser cortada pelo aperto mortal da garra, quase lhe decepando a cabeça.

Logo a pinça infernal puxou rapidamente o cadáver de Josias para dentro da arca.

Uma bocarra hedionda, repleta de colmilhos afiados que mais lembravam os dentes de um tubarão, escancarou-se como as portas da morte.

Tarde demais Josias compreendeu tudo. A arca funcionava como uma espécie de ratoeira infernal, armada para liquidar com invasores abelhudos que entrassem na casa da mandingueira...

A coisa medonha dentro da arca era o tal *tesouro* da velha, um presente dado por aquela antiga entidade do mar, há muito tempo, àquela velha mandingueira, no dia do seu ritual de sua iniciação. Um presente que agora era o bicho de estimação da bruxa. Um bicho de estimação que, de vez em quando, tinha de ser alimentado...De preferência com carne humana, carne de gente perversa do corrupto mundo da superfície. Gente que ousava invadir os domínios da velha feiticeira.

A velha mandingueira estava num frenesi de júbilo diabólico. Gargalhava como que num transe louco. Beijava vez por outra o amuleto que trazia pendurado no pescoço desde criança. Erguia os braços, numa alegria infernal, enquanto gritava um cântico de louvor, aprendido na infância, com sua mãe e com sua avó. Ela cantava e olhava para o mar com a certeza de que aquele era o lar de entidades fantásticas milenares, criaturas extraordinárias que ali viviam desde tempos imemoriais, quando o ser humano era apenas o sonho incipiente dos deuses.

Ainda demoraria um longo tempo até que outros invadissem a casa daquela velha ruim. Afinal, ela tinha a proteção de um dos muitos servos de uma ondina ou nereida, mãe-d'água ou divindade do mar que alguns a seu modo chamavam Iemanjá, um servo que também era uma criatura terrível das profundezas do misterioso e antigo mar, dado de presente a velha pela própria entidade sobrenatural das mágicas e antigas águas da Terra.

ALÉM DA MURALHA DA MORTE

“Os vivos são os mortos de férias”.

Maurice Maeterlinck

Formávamos um divertido quinteto. Éramos quatro garotos de nove ou dez primaveras, mais uma menina de onze, certa loirinha enxerida de cabelos cor de milho, presos em duas tranças. Naquele dia longínquo de nossa infância, íamos todos alegres, cada um de nós montado numa bicicleta, seguindo por uma estrada da cidade onde morávamos.

Pedalávamos alegremente. Nossas bicicletas eram, em nossa imaginação infantil, corcéis mágicos, velozes e indóceis, nos quais galopávamos pelas planícies da mais lampeira das liberdades. Misturávamos a imaginação com a realidade. E se um dia tivéssemos que morrer, pensávamos, certamente morreríamos montados em nossas bicicletas, símbolos maiores de toda a nossa liberdade menina.

Mochila em nossas costas, cheia de *mantimentos*, como dizia o *Rolha-de-Poço*, o gordinho da turma, coisas compradas na venda azul do seu *Quequé*: garrafas de gasosa, balas de banana, balas 7 Belo, barras de arroz caramelado, pirulitos Zorro – ai , meu Deus, que delícia, que saudade da infância saborosa!...

Estilingue pendurado no pescoço, bolas de gude e pelotas de barro endurecidas ao sol devidamente guardadas numa meia velha que servia de saquinho, guardadas como

munição para a caça de passarinhos no mato, lá nos sopés dos morros azuis que circundavam a cidade.

Era um dia ensolarado de estio, eu me lembro. Uma brisa suave beijando nossos rostos, como se fosse uma fada bonita e invisível, aliviando o calor. Seguíamos fazendo curvas, mofando um com o outro.

Passamos por um vendedor de laranjas, numa barraquinha nas margens da estrada do bairro de Congonhas, o *Negão das Laranjas-cravo*, um negro folgazão, sempre com um sorriso largo no rosto. Gritamos a ele que queríamos algumas laranjas para chupar durante o passeio até o rio onde iríamos nada, naquele ano de 1974, num tempo tão distante e que não volta mais, a não ser em reprises inesquecíveis do cinema da memória. Laranjas que devorariamos todos juntos, durante o percurso, impregnando nossas mãos com o cheiro forte da fruta, fazendo guerras de cascas, atirando-as uns nos outros em batalhas memoráveis que não matavam nem feriam, apenas divertiam. O *Negão das Laranjas-cravo* pegava nossas moedas, escondendo-as rapidamente no bolso da calça. Depois catava as laranjas do grande balaio, colocando-as em saquinhos amarelos, em forma de rede. Na volta parariamos para conversar com mais vagar com *Negão das Laranjas-cravo*, contando nossas histórias e ouvindo as dele também, daquele pobre, porém honesto e alegre vendedor. Ouviríamos toda a criatividade de suas mentiras abençoadas, mentiras que a nós soavam verdadeiras, pois éramos crianças, e as crianças sabem muito bem que o mundo da imaginação é muito mais real e bela do que a feia e ilusória realidade. Contariamos as nossas mentiras, também, evidentemente.

A nossa turminha era composta por um certo mulatinho, o *Salmonela*, que ganhara este apelido durante uma aula de Ciências, na escola básica Aderbal Ramos da Silva; *Rapunzel*, a loirinha virago das tranças de ouro, sempre atrás da gurizada, mandando neles,

na maior parte do tempo; o *Kung Fruta*, um guri que tinha traços asiáticos; eu e, finalmente, o gordinho *Rolha-de-Poço*. Todos tínhamos um bom apelido, é claro. Eu também tinha o meu: por ser magro e pálido, chamavam-me de *Dr. Defunto*.

No cinema da minha memória, a câmara vem focalizando-os de frente, em movimento lento. A gente vem descendo uma pequena e suave ladeira, borboletas e libélulas voando em nossa frente, como pequenas fadas a nos acompanhar na doce alegria de viver. Estamos rindo e galhofando um com o outro como pequenos anjos rebeldes. Logo adiante há uma curva fechada. Depois dela, às margens da estrada, uma capoeira grande, onde colheríamos amoras pretas e ingás maduros.

Não percebemos o velho caminhão vindo em velocidade, como um gigantesco dinossauro de metal. A trilha sonora deste meu filme mental recordativo é a nona sinfonia de Bethoven.

Num *close-up* de minha memória, vejo o rosto suarento de *Rolha*, a boca aberta sem um dente na frente, gritando “Cuidado, uma porcaria de caminhão!”.

O velho caminhão desviando da gente.

Rude como um diabo, o motorista põe a cabeça para fora da janela do caminhão. Grita alto, enfezado mesmo:

- Seus moleques vadios! Onde vocês pensam que estão, seus filhos de uma vadia?

No pátio da escola de vocês?

O caminhão prossegue em frente, como um trem do inferno.

Mas o *Rolha-de-Poço* ainda tem tempo de berrar, no seu jeito irritadiço de ser:

- *Vai se danar, seu porco suado!*

E gritamos então todos juntos para o motorista:

- Vai-te embora, bicho feio! Bolo fecal! Saco de bosta podre!...

E rimos com toda a alegria sacana da infância. Rimos do motorista e de nós mesmos.
Rimos do medo que sentíamos.

Continuamos pedalando, porque pedalar era preciso.

Uma outra curva, agora. Ficamos atentos.

Vimos, com um friozinho na barriga, um fusca preto surgindo em nossa direção, como um touro bravo. O carro vinha numa velocidade irresponsável, o motorista acelerando, acelerando, acelerando. O ronco do motor era como o urro de uma fera de metal que iria nos pegar.

Eu vi. O motorista estava bêbado. Os olhos vermelhos. Estava bêbado, sim senhor, meu Deus.

E como um cometa da morte, o fusca nos apanhou em cheio.

Nossas bicicletas voaram. Nós mesmos voamos. Nossos gritos de dor e medo também voaram nos ares; ainda hoje ecoam dentro de mim, como sirenes sinistras no meu inferno de solidão e saudade, agora que estou escrevendo essas lembranças melancólicas que vão sendo marcadas como carimbos de tristeza no branco da tela do editor de textos do meu velho computador.

Lembro que tudo escureceu como uma noite. Vista e mente. Corpo e alma. Parece que dormíamos estranhamente num mar de nuvens brancas, densas, tépidas, etéreas.

O verão de 1974 ainda não havia acabado. Indicado pelo presidente Médici no ano anterior, o general Ernesto Geisel é eleito pelo Congresso Nacional presidente da República, em 15 de janeiro. Tomaria posse em março, dando prosseguimento à ditadura. As coisas haviam mudado. Eu havia mudado. O Brasil havia mudado. Para pior. *Tudo*

mudara para pior. As coisas nunca iriam melhorar. Nunca mais. O país continuaria nas mãos dos canalhocratas e dos demagogos. Até quando, meu Deus? Quando este país vai ter juízo?...

* * *

Agora o outono chegara com suas sombras , com suas folhas mortas cobrindo o chão dos jardins da vida tal como uma mortalha de tristeza . As flores da alegria de viver haviam emurchecido, pisadas pelos cascos negros dos cavalos da morte.

* * *

Quando abri os olhos, saindo da placidez do coma, a primeira coisa que vi foi o branco das paredes. Estaria no céu? Não. Mas, e aquele anjo, ali? Havia um anjo: minha mãe. Ali estava ela, ao lado do meu leito, como o meu *nume tutelar*. Ela me olhava com aquele olhar de eterna preocupação típica das mães.

- Meu filho...

- Cadê a minha turminha, mãe?...

Houve uma pausa terrível.

- Filho...seus amigos...eles...

Ela não conseguiu responder. Eles se foram, eu sabia. Eles não estavam dormindo. Eles não estavam no hospital de minha cidade. Eles não estavam em casa. Eles não estavam mais conosco. *Meu Deus, onde eles estavam?*

* * *

Alguns dias depois, em casa, numa cadeira de rodas, as pernas amputadas, as esperanças amputadas, foi que pude compreender com amargura. Sim, agora eu sabia.

Agora eu sabia onde meus amigos estavam. Estavam no cemitério da cidade, lá no alto da colina onde o vento sul sopra como um titã invisível e mau-humorado. Estavam todos mortos, os meus amigos. Mortos. *Mortos. Rapunzel, Rolha de Poço, Salmonela, Kung Fruta*, nossos sonhos, nossas esperanças de um país melhor e mais justo, tudo morto, morto, morto. Todos e tudo sepultado, morto, enterrado. Meu Deus, porque não me deixaste ir com eles? Por que me abandonaste aqui, neste mundo da dor e da crucificação? Neste mundo onde a solução para tudo é a morte, é a morte.

Nunca mais iria encontrar amigos de verdade, eu sabia. Eles estavam além das muralhas da morte. Os meus verdadeiros e únicos amigos agora estavam além do sono e dos sonhos...Aguardavam-me com a paciência assustadora que só os espectros têm.

Na Terra, com a chegada da idade adulta, os homens perdem a capacidade de fazer amizades verdadeiras. Eu nunca mais teria amigos no mundo. Nunca mais.

Vocês querem saber do motorista irresponsável do fusca negro, não é mesmo? O irresponsável fugiu. Jamais foi preso. Filhinho de papai. Sobrinho de um imbecil que era juiz da cidade. Costas quentes, sabem como é? *Aquele filho da mãe!*

* * *

O tempo passou como uma grande mão virando as páginas do livro do destino. Ontem sonhei com meus amigos. *Salmonela*, *Rolha*, *Rapunzel*, *Kung Fruta*. Até com *Negão das Laranjas-cravo*, que morrera com uma faca enterrada no pescoço ao tentar apartar uma briga de dois bêbados na vendinha azul do seu *Quequé*, que também se foi logo depois, numa parada cardíaca, seu coração bondoso parando de sonhar para sempre, para sempre. Todos eles estavam vestidos de branco, sorridentes como anjos, felizes. Estariam mortos realmente? E eu? *Estarei vivo, realmente?* Quem está vivo e quem está morto, afinal de contas? Quando meus amigos morreram, uma parte do meu ser morreu também. Hoje, estou vivo, sim, mas aguardando a minha vez, aguardando os meus amiguinhos, para pedalarmos juntos outra vez por outras estradas, as estradas azuis da felicidade, da alegria e da liberdade eternas. Sim, estou com oitenta outonos, agora. Há rancor e amargura dentro de mim. Mas aquele menino que eu era ainda existe em algum lugar recôndito do meu ser, como um anjo do bem.

* * *

Anoitece. É o fim do inverno. A porcaria do câncer apertou o cerco e eu voltei para o hospital. Estou num beco sem saída. Estou à beira da morte. Estou de volta ao hospital. As paredes ainda estão branquinhas, branquinhas. Aquela pequena rachadura em forma de raio ainda está ali. Contudo minha mãe não mais está ali para me consolar. Ela se fora, para sempre, para sempre. Adormeço por um instante.

* * *

Estou quase nas vascas da agonia. Meu espírito deseja a libertação. Um anseio de saber o que há além da muralha da morte. Estou no fim? Quem apagou a luz? Deus, não me deixe no escuro, ainda tenho medo do Bicho-papão. De repente um raio de luz cobre meu espírito de esperança como um manto cálido. Agora eu posso vê-los. Ali estão eles, todos eles. Minha mãe está ali também. Minha vó Idalina está ali. Meu vô Laurindo também. O sorridente *Negão das Laranjas-cravo*. Seu *Quequé da Vendinha Azul*. Até meu cachorrinho Duque, morto quando eu tinha sete anos. *Rapunzel*, *Kung Fruta*, *Salmonela*, *Rolha-de-Poço*, estão todos ali. Eles conseguiram atravessar a muralha da morte. Não há mais dor, física ou moral. Agora eu tenho pernas novamente. Há só a aura da felicidade, da alegria, da paz, do amor. Estou feliz outra vez, ao lado deles, dos meus amigos verdadeiros, os mortos.

Era o primeiro dia de primavera no mundo dos vivos. E era também um novo amanhecer.

ZUGDULHULGLOS

Não me lembro muito bem quando foi que tudo aconteceu – se é que aconteceu de fato. Tenho tido pesadelos horrendos nas últimas noites, e, além disso, uma vontade incoercível de dar cabo de minha própria existência. Tenho me sentido muito estranho ultimamente. Vertigens, náuseas, dores de cabeça horríveis. Confundo os acontecimentos passados gravados na minha memória com os fatos concretos da realidade cotidiana. São sonhos grotescos, sonhos alucinantes em que o horror perambula com suas múltiplas faces pelas regiões aterrorizantes além do sono e da morte. Sou um homem condenado, já perceberam. A morte se aproxima de mim, eu posso sentir.

Acho que era o “Tid-Aunwule”, a data em que o horror começou. O “Tid-Aunwule”, que na bizarra língua da exótica e extinta tribo dos índios que tinham sido os primeiros habitantes de meu torrão natal, queria dizer literalmente “Festa dos Mortos”, ou seja, o equivalente ao nosso “Dia de Finados”. Eu e meu amigo sabíamos disso. Sim, era o “Tid-Aunwule”, e os terrores noturnos e espectrais, inacreditáveis demais para a prosaica e hodierna ortodoxia científica, estavam prestes a atingir o zênite em nossas frágeis e perturbadas mentes, conduzindo-nos aos turbilhões insólitos do medo, do terror sobrenatural.

Antes de morrer, quero contar tudo. Sabem, hoje em dia sou um sujeito nervoso, neurótico. A paranóia me domina. Restou-me, pois, o derradeiro fio de esperança: quero desabafar. Quero contar minha história, e depois cantar, cantar até a morte uma negra canção de horror e loucura, embora eu tenha a certeza de que não sou e nunca serei louco de fato.

Era um tipo enigmático e estranho, aquele ancião. O tipo de velho que provoca calafrios só em olhar. De fato um gênio proecto com ares de demônio louco. Na verdade, tão absurdamente solitário quanto um deus ou um diabo. Nunca o tinha visto na cidade, embora meu querido avô Antônio Laurindo tivesse me contado algumas histórias horríveis sobre esse velho e estranho habitante da antiga cidade de Barbatana do Sul, onde moro até hoje, prisioneiro de mim mesmo, de minhas lembranças terríveis e de meus sonhos horrendos e fantasmagóricos. Sim, a antiga, misteriosa e corrupta Barbatana do Sul, pequena cidade litorânea, um pequeno inferno onde prevalece a politicagem, a maldade e a falta de caráter dos governantes e autoridades locais.

Sabem, dizem que eu enlouqueci depois de tudo o que aconteceu, se é que aconteceu, *repito mais uma vez*, porque até hoje não sei se tudo aconteceu de fato ou se foi apenas um terrível e horrendo sonho, um delírio onírico ou alucinação *pesadelar*, uma peça macabra pregada pela minha mente perturbada. Mas não ligo para esses espíritos ignorantes que fazem pilhéria com o que aconteceu comigo. Não ligo para esses ineptos e fofoqueiros inúteis da corrupta Barbatana do Sul. Um dia a verdade virá a tona, e então veremos quem é o louco nessa história toda. Sim, um dia a verdade cintilará ante nossos olhos estúpidos como uma gema preciosa, e fará com que nossos preconceitos e opiniões acerca do sobrenatural e das coisas terríveis que não são visíveis para os olhos físicos comuns fiquem bem claras como a luz do sol do meio-dia. Então, ou enlouqueceremos de vez, retornando a barbárie dos tempos primevos, ou nos tornaremos verdadeiramente eternos e oniscientes como os deuses antigos do céu, da terra e dos espaços tenebrosos dos recônditos do Inferno.

Aquele velho estranho dava-me calafrios, digo e repito. Seus olhos eram como duas luas negras cintilando num céu sombrio e infernal, dois abismos negros cintilando de variados e estranhos conhecimentos ocultos acumulados durante eras e eras, num ciclo

quase interminável de estranhas reencarnações, duas estrelas sinistras de mistérios na palidez cadavérica de seu rosto, um cenho vincado por rugas horrendas que traçavam mapas de ciências e experiências místicas inimagináveis. Havia realmente algo de muito macabro naquele ancião vestido com roupas antigas e negras, moreno, magro e alto, e sempre com velhos e enebados livros de Ocultismo e Astronomia na mão.

Não tinha amigos, aquele velho. Amigos humanos e normais, eu quero dizer. Presumo que uma solidão quase perpétua era sua única companheira. Seus verdadeiros amigos eram invisíveis para os olhos normais e fracos do resto da tola humanidade, assegurou-me o velho estranho, um tanto sarcástico. Além disso, o velho não costumava conversar ou fazer amizade com facilidade. Ele precisava e queria ser arredo. Fazia parte do estranho processo de armazenamento secreto de energias místicas incompreensíveis demais para o resto desprezível dos habitantes da cidade, ele me disse. Era um misantropo e asceta, eu logo pude perceber. Só nos conheceu porque eu e Otávio, meu amigo, tínhamos ido até o sombrio pântano da Coruja Corcunda, nos limites de Barbatana do Sul, uma região coberta de névoas e tida como mal-assombrada pelos mais supersticiosos; tínhamos ido caçar alguns lagartos para dissecarmos na aula de Biologia do dia seguinte, atendendo o pedido da tola e coquete professora Zelda Evans, filha do delegado Mathias Leôncio, um certo salafrário que conseguira o cargo de autoridade na cidade mediante artimanhas políticas e manobras sórdidas que o próprio Satanás, em seu trono de brasas no inferno, duvidaria. A mãe de Zelda era juíza da cidade, e também arranjava este cargo através de práticas ilícitas em concursos públicos fraudulentos, além de ser uma matrona depravada, amante dos poderosos e ricos da cidade e também do satânico e lascivo padre de Barbatana do Sul, um certo efebo abjurante de nome Jairo Jeremias, metido em seitas secretas de magia negra e rituais malditos em pequenos templos subterrâneos. O nosso país, a corrupta República

Pindorama, não tinha jeito mesmo, de modo que a pequena Barbatana do Sul era apenas reflexo da podridão da pátria.

Quando o encontramos, lá no sinistro pântano da Coruja Corcunda, ele, o velho, entabulou conversa conosco, talvez meio sem jeito por o encontrarmos ali, com os livros e aquele estranho instrumento azul e feito de um material que se assemelhava vagamente com cristal, mas que, curiosa e estranhamente, emanava um certo odor fétido de carniça.

“Atualmente me chamo Zugdulhulglos, como vocês já devem ter ouvido em conversas de fofoqueiros locais. Estou neste brejo amaldiçoado fazendo, digamos, algumas *experiências*. A ciência, aliada a magia, sempre exerceu sobre mim o sue fascínio...”, disse o velho esquisito.

E eu e Otávio, procurando demonstrar simpatia, dissemos qual o nosso objetivo ali, no brejo fedorento. Estudo, trabalho escolar.

“Magnífico! O estudo enobrece o homem. E os animais e seres inferiores devem servir de cobaia e sacrifício para o conhecimento das raças superiores!”, concluiu o velho sinistro, uma espécie de loucura ímpia cintilando nos seus olhos terríveis e lunáticos.

Depois de uma pausa, ele subitamente ergueu os olhos para o céu. Estrelas no escuro cintilavam, aziagas, como olhos de legiões de demônios aracnídeos na imensidão infinita do universo profundo e amedrontador.

“Lá, estão vendo aquela estrela?”, e apontou para Aldebarã, vista por entre as folhas de um grande salgueiro, numa nesga de céu escuro onde reinava soberana a lua cheia que se espelhava, vaidosa, nas águas rasas e fedorentas do pântano da Coruja Corcunda, como se fosse uma rameira libidinosa do Cosmo. “Os homens chamam-na Aldebarã, mas seu nome verdadeiro é Aklythyachysya. Foi para um mundo próximo a Aklythyachysya, chamado Sv’ruathx que meus antepassados, os índios que habitavam Barbatana do Sul em seus

primórdios, foram levados, uma noite. Sim, o xamã da tribo estabeleceu contato mental com *eles* por meio de estranhos e antigos rituais... *eles*, os deuses celícolas... e aprendera segredos cósmicos arcaicos. Compreendam que *hoje* é o dia da abertura do grande portal dimensional, o túnel do *hiperespaço* que se forma entre as galáxias, unindo as humanidades estelares e os planos físico e astral. Compreendam. É um dia raro e magnífico. Acontece a cada milênio. Já disse que me chamo Zugdulhulglos. Não é um nome comum, vocês já devem ter desconfiado. Na verdade, trata-se de um nome, digamos, *inumano*. Mas isso pouco importa porque eu já tive e ainda terei vários nomes no decurso das minhas inúmeras reencarnações!”

Ele apontou o estranho objeto que tinha na mão, em direção a Aldebarã. A extremidade da “Chave *transespiritual* materializante e hiperespacial”, como ele chamava o tal aparelho ou objeto de cristal fedorento, que emitia um brilho estranho em sua extremidade. E antes de expelir uma gargalhada que retumbou no silêncio sepulcral do pântano como um hino tétrico de insensatez e heresia, ele falou:

“Não sei se devo amaldiçoá-los ou agradecê-los, mas vocês terão que vir comigo, meus jovens. Felizmente ou *infelizmente*, não sei. Espero que consigam manter suas mentes calmas para o que vão presenciar e ver. No entanto, admito que isto não será tarefa fácil, sendo quase impossível. Trata-se de um conjunto de experiências fantásticas que jamais se apagarão de suas frágeis memórias e tampouco de suas almas”.

Então eu e meu amigo olhamos para o céu outra vez e vimos o que parecia ser uma nuvem escura brilhante, seguida de uma luz azulada em vários tons, muito forte, que cegou-nos momentaneamente como um relâmpago do inferno, e então desmaiamos nas covas da inconsciência profunda.

Recordo vagamente dos terríveis sonhos que tive durante a minha síncope. Até hoje desconfio que não foram exatamente sonhos, mas *ultra-sonhos*! Sonhos fantásticos e horrendos em que me vi, junto com meu amigo Otávio e com aquele necromante ou ufólogo endiabrado. Visitei mundos inimagináveis, terríveis, terras desconhecidas de esferas *enlouquecedoras*, templos malditos de adoração satânica em mundos muito além da matéria, nas vastidões entre as estrelas do Cosmo infinito, em buracos negros de universos muito além das loucuras do Bem e do Mal.

Quando acordei, estava no hospital de Barbatana do Sul. Meu amigo Otávio enlouquecera pouco antes de morrer para este mundo horroroso de violência e força (no leito de morte ele soltara gritos horripilantes mesclados com gargalhadas de medo e loucura durante a agonia). Os pedantes médicos e a estúpida Polícia da cidade acabaram concluindo que fôramos atingidos por um raio nascido de uma tempestade súbita em nossa visita aquele pântano sinistro. Tínhamos sido encontrados por meu velho e bom tio Lauro, que fora de jipe atrás de nós, devido a nossa demora.

Quanto a Zugdulhulglos, os pífios policiais riram de mim, pois Zugdulhulglos não passava de uma espécie de lenda local. Um antigo e quase esquecido ente folclórico, digamos assim. Ele era uma espécie de bicho-papão ali, naquela região praiana. Depois, consultando a biblioteca pública e o arquivo histórico da cidade, descobri que houvera de fato um tal Zugdullhulglos, em tempos muito antigos, na fundação da cidade. Houvera realmente, no passado da cidade, um morador com esse nome, um morador estranho, mas aparentemente não tão diabólico quanto o Zugdulhulglos que eu vira, lá, no tétrico Pântano da Coruja Corcunda. Este homem, pelo que li e estudei, era descendente da antiga e estranha tribo que fundara Barbatana do Sul, um mestiço, na verdade. Ele passava noites e noites em claro, no topo de uma grande colina, olhando para o céu, para as estrelas

misteriosas nos confins do Universo, como que possuído por uma estranha nostalgia de seus selvagens ancestrais, que segundo lendas, não teriam sido extintos pelo progresso e pela civilização, mas sim levados por um estranho e cintilante raio azul brotado de uma *nuvem de ferro* que os levara da Terra para juntos dos deuses celícolas que eles tanto adoravam. Era uma espécie de astrônomo amador ou lunático, esse tal Zugdulhulglos?... Acabou enlouquecendo e morrendo por seu passatempo ou mania, pelo que li em velhos manuscritos e jornais da época. Pouca coisa se sabe sobre isso...

Desde então tenho sofrido com os horrores noturnos de meus pesadelos. Rezo para que a morte chegue como uma benção. Uma espécie de paranóia me domina como um demônio torturador, tornando minha existência insuportável. Não sei explicar muito bem o que se passa comigo. Quase não saio mais de casa. Tornei-me muito mais que um psicótico. O medo alastrou-se em meu ser, tornando-se uma mortalha em mim. E o que mais me assusta é a chegada das sombras da noite, com seus mistérios sobrenaturais e inimagináveis. Estou na miséria, e pouco dinheiro que arrecado sabe Deus como, uso-o para comprar drogas e bebidas. Mas hoje, em especial, a coisa mudará; faz uns cinco minutos que ingeri o veneno. Decidi-me a acabar com tudo. Minha mão começa a tremer, meu estômago principia a doer e minha vista vai ficando cada vez mais turva, impossibilitando-me de continuar a escrever esta mensagem que deixarei em especial para todos os céticos. Deixarei este manuscrito à vista de todos, para que tentem entender o porquê de meu suicídio.

Acho que o que eu e meu amigo falecido havíamos visto naquele dia maldito era uma espécie de entidade espectral, uma casca espiritual ou cascão vitalizado ou lado negro deste estranho e lendário homem, Zugdulhulglos, que tenho certeza, não era humano, oh!, santo Deus, não era humano!...

O HOMEM QUE ENCONTROU KRYSHLYTH

Quando a Terra se encontrava num caos absurdo, nascido de ganâncias e egoísmos insanos, desejos medonhos, autênticas ervas-daninhas da mente brotadas de ódios ancestrais incrustados no desgraçado ego inferior dos seres humanos (egos que são como embriões negros de morte lenta); quando a violência e a força aniquilavam qualquer resquício de bondade no coração dos homens, em todos os países deste globo de loucura e desventura, transformando esses mesmos homens em toscos titãs ensandecidos nas danças das horas patéticas; quando a vida era incerta e apenas um meio de encontrar a morte lenta e absurda, e o desespero, como um câncer negro e pútrido na alma, afligia todos os espíritos, mesmo aqueles mais livres e inocentes; quando o tédio, a monotonia, a rotina e a solidão torturavam as pessoas como demônios de profundos infernos interiores; enfim, quando tudo isso acontecia, houve um homem solitário que se libertou ao encontrar Kryshlyth, a mítica e fabulosa cidade além das névoas dos devaneios e sonhos, através de chaves mágicas e esotéricas, manipulação mental de suas criações oníricas mais fantásticas e febris.

Seu nome pouco interessa, porque ele era um homem tão obscuro, um João-ninguém, um celibatário tão insignificante, sem emprego ou renda fixa e *perfeitamente* um fracassado total na vida, que isso tudo pouco importa.

O que importa, se é que alguma coisa importa, é que ele, em seu quarto quase sempre trancado e às escuras, mesmo nos dias quentes de estio, pouco mais que um cômodo

sombrio todo desarrumado e caótico, conseguiu achar um meio mágico de encontrar um mundo onde ele se adaptasse, onde se adequasse, um mundo onde não se pagasse nada, nem para respirar, nem para nascer, nem para morrer, nem para alegrar-se. Seu quarto era cheio de livros estranhos e desenhos que ele mesmo fazia e que provavelmente poucos além dele próprio poderiam entender aquele simbolismo esotérico.

E este homem estranho e taciturno, sem altos cargos ou postos em hierarquias pífias, sem fortunas e sem posses, sem automóvel ou conta bancária, sem futuro e sem esperanças, este homem, meu Deus, este homem solitário e arredio, após leituras e mais leituras de vários tomos de ciências ancestrais, ousou ir mais além dos seus sonhos, transpondo corajosamente as barreiras místicas do sono, viajando fora do corpo físico, em um outro corpo, um outro corpo mais sutil, inacreditável demais para as mentes céticas dos dias atuais, mentes tacanhas e mesquinhas dos dias atuais que apodrecem a esperança humana.

Sim, tudo começou em seu quarto, a toca, o refúgio dos horrores cotidianos mesquinhos, santuário de conhecimentos ocultos inacreditáveis. Ele olhava de madrugada as estrelas no escuro diabólico do céu com uma espécie de melancolia singular. E ele sonhava em delírios indescritíveis, sonhava e sonhava ainda mais, sonhava acordado com batalhas, princesas, castelos e liberdades que só um deus poderia ter. Quando na vigília e em estado normal, ele lia livro após livro, quase sem comer ou beber, páginas e páginas de conhecimentos secretos de eras remotas, perdidas nas névoas do tempo. E como uma pessoa que lê e sonha muito acaba um dia abrindo os portais além da loucura e do sono, o estranho homem encontrou a sua verdade nos jardins secretos dos sonhos, uma verdade mágica e mística que poucos tem acesso, devido a degeneração intelectual, espiritual e psicológica de nossa época.

Quase todos aqueles que seguiam o ramerrão sem sentido da vida real, no mesquinho sistema de vida do mundo contemporâneo, achavam-no louco, solitário e cheio de ódios, cheio de sacrilégios e orgulhos satânicos simplesmente. Mas a verdade era outra: ele conseguira acesso por meio de chaves mentais a um mundo fantástico, lendário, mítico que alguns poetas já desconfiavam... A feérica Kryshlyth, a cidade suspensa nas névoas dos sonhos, a cidade onde os sonhos realmente são livres e azuis, Kryshlyth, a Sempiterna. Kryshlyt, vislumbrada pelos lunáticos e pelos poetas loucos nos vapores do ópio e de outros entorpecentes. Kryshlyth, o reino da flor azul, onde o mundo torna-se sonho e o sonho torna-se mundo, onde a brisa, vento criança fala verdades que um homem comum da terra nega peremptoriamente.

E então este homem, embriagado no êxtase espiritual de liberdades extraordinárias e extravagantes, com vontades imensas de guerrear e matar em aventuras inimagináveis morreu para o mundo chamado real e renasceu para um mundo onde os sonhos e fantasias são reais, mais reais do que as misérias e ilusões terrenas, das sujeiras e trapaças de seus contemporâneos no lodo mental de toda imundície cósmica.

Na Terra, naquela cidadezinha miserável, ninguém sentiu a falta do homem depois que ele morreu, porque ele vivera sozinho a maior parte de sua vida, mesmo rodeado por sua ignara família e sua vizinhança estúpida e insensível. Ninguém sentiu sua falta, mas ele também não sentiria falta de ninguém, lá em Kryshlyth, a Sempiterna.

As coisas são assim mesmo, neste mundo infeliz chamado Terra. As coisas vêm, as coisas vão... Gira o carrossel insano da existência, infinitamente em vórtices de sentimentos e emoções que enlouquecem ou entristecem.

Mas o homem que encontrou Kryshlyth deve estar feliz, agora, porque alcançou o *seu* mundo, um mundo onde os sonhos são azuis e livres.

MISTÉRIO NA CASA ABANDONADA

Eu havia perdido o intragável emprego fazia algum tempo. Encontrava-me deprimido; um sentimento me torturava: desta vez, eu parecia estar no fundo do poço, numa pindaíba infernal, para ser mais claro e popular. Sem esperança alguma no futuro de meu escalafobético país, e, com isso, numa desilusão e tristeza que pareciam infinitas, tornei-me uma espécie de ermitão ou excêntrico. Curiosamente, eu ainda cultivava meus derradeiros sonhos, como quem cultivava pequenas papoulas narcóticas no árido deserto da desilusão.

Naquele dia, peguei a minha velha bicicleta e tentei espairecer. Uma tentativa de aliviar um pouco o peso do infortúnio em minha alma danada. A minha bicicleta!... Velha e inseparável companheira desde a infância.

No caminho que vai de minha cidade até a região sombria onde outrora fora a pequena e antiga Alto Penhascal, a cidade costeira e vizinha, um verdadeiro atalho de chão batido que alguns loucos chamavam de estrada, com pouco ou quase nenhum tráfego, eu ia pedalando, solitário e pensativo, perdendo-me em pensamentos e devaneios insensatos.

Fracassei em tudo na vida, e como um poeta derrotado do cotidiano, não tinha mais nenhuma esperança, e cheguei até mesmo a cogitar na sinistra possibilidade de atirar-me com a minha velha e inseparável bicicleta, bem lá de cima da ponte de madeira que liga a antiga e misteriosa cidade abandonada de Alto Penhascal à minha cidade natal, a provinciana e corrupta Barbatana do Sul, que eu, no fundo, tanto odiava.

Havia poucas casas na margem da estrada. Pardieiros imundos, casebres e sobrados em ruínas ou abandonados, retratos da decadência e abandono provincianos.

Parei a bicicleta que eu herdara de meu querido e falecido tio Jaime quando eu tinha oito anos (meu querido e inesquecível tio se suicidara após saber que brotara um câncer no hígado de sua carne) diante de um sobrado antigo que parecia flutuar fantasmagoricamente nas brumas tênues da manhã.

Era um casarão sinistro, com as portas pregadas e as janelas entaipadas, sabe lá Deus por que.

A curiosidade fez um ninho na minha alma, de modo que, naquela agradável manhã de outono, resolvi voltar a ter aquele espírito juvenil de outrora e ir dar uma espiada lá dentro, no interior daquela grande casa abandonada e sinistra.

Abri, com fortes pontapés, a porta semi-apodrecida da casa. E isso me fez um pouco de bem, pois eu de certa forma aliviava, com os coices desferidos na porta, todo o meu ódio nascido de todas as minhas frustrações.

Ali, na soleira da porta, lembrei-me das estranhas lendas que eu ouvira a respeito da quase esquecida cidadezinha de pescadores chamada Alto Penhascal. Eu sabia: havia rumores esquisitos sobre o motivo dos habitantes terem abandonado a cidadezinha, no passado longínquo. Claro, os mais céticos lembravam que fora a escassez de peixes e a conseqüente falta de oportunidades que levava o povo ao abandono total da cidade. Porém os mais supersticiosos falavam de estranhas luzes verdes que foram vistas saindo, certa noite, do fundo do mar, magníficas como auroras boreais, e que passando vertiginosamente pelos penhascos a beira-mar, foram parar sobre a velha igreja católica da cidade. Também ouvi muitas histórias fantásticas sobre estranhos homens de olhos grandes e pele brancas, com pequenas e quase imperceptíveis guelras no pescoço, e vestidos com estranhas roupas violáceas, homens que foram vistos na cidade após o aparecimento daquelas estranhas luzes verdes oriundas das misteriosas e imemoriais profundezas do mar.

Eu sabia, através de boatos e velhas histórias populares, do envolvimento do sacristão da cidade com magia negra e outras coisas ainda piores, como rituais antigos à beira-mar ou nas clareiras dos pequenos bosques situados a meio quilômetro das falésias e dos penhascos. Eu sabia, não só através de boatos e conversas, mas também porque lera algumas coisas nos jornais antigos e amarelados pelo tempo na velha biblioteca municipal de Barbatana do Sul.

E tudo começara, segundo o que li e ouvi, quando o sacristão encontrara aquele livro estranho intitulado “Necronomicon”. O livro tinha sido escrito por um árabe louco, segundo se sabe.

Quando o sacristão morreu louco, atirando-se numa noite de lua cheia da borda de um penhasco à beira-mar, a coisa toda atingiu proporções terríveis e inimagináveis. Houve uma sucessão de suicídios e mortes horrorosas. Pessoas começaram a enlouquecer repentinamente, em surtos paranóicos. Algumas delas começaram a ver e ouvir coisas estranhas e assustadoras. Vultos estranhos passeando em seus quartos, à noite. Outros, num *amok*, corriam com facões na mão, decepando a primeira cabeça do infeliz que encontrassem no meio do caminho. Enfim, coisas estranhas começaram a acontecer em Alto Penhascal.

O corrupto prefeito Deoclésio Carlos Lemos Skiff acabou se enforcando numa árvore, o corpo do velho crápula da política balançando como um pêndulo macabro. O delegado da cidadezinha atirou em sua mulher, jurando que ela o traía com aqueles estranhos homens de olhos grandes e pele branca, que muitos teimavam em não acreditar que eles teriam vindo dentro daquelas luzes estranhas que uma noite saíram misteriosamente do mar. Os estranhos homens com guelras no pescoço eram dotados de apetites lascivos que fariam corar a mais depravada das rameiras de Alto Penhascal.

Como os peixes estranhamente não mais apareciam naquele mar, os pescadores resolveram sair da cidade, e com isso, tudo foi caindo no abandono e no esquecimento, até Alto Penhascal tornar-se o que é hoje: uma cidade-fantasma.

Então ali estava eu, agora, na soleira da porta da casa abandonada, com uma pequena mochila nas costas e segurando uma lanterna que trouxera no bolso da jaqueta. Sim, pois dentro da casa estava um pouco escuro, apesar dos raios solares invadirem as frestas e pequenas rachaduras da casa, iluminando precariamente o interior do sobrado antigo.

Havia uma atmosfera de demência e destruição no interior da casa. E a estranha sensação de que gente invisível perambulava por ali, arrastando maldições e horrores.

Subi a escada em caracol que levava ao pavimento superior. Eu estava curioso demais. Uma curiosidade mórbida, um desejo meio insano de conhecer ou encontrar coisas do Além. Os degraus rangeram, meio que apodrecidos, e eu fiquei com muito medo, pensando que eles poderiam quebrar, fazendo-me cair e quebrar o pescoço, fazendo-me conhecer as coisas do outro mundo então como um habitante dele. Mesmo assim, prossegui.

Tudo era abandono e devastação. Teias de aranha, poeira, móveis cobertos por lençóis brancos, agora encardidos pela ação do tempo e do bolor. Ratos nojentos fugindo de mim como pequenos demônios do abandono e da podridão.

Encaminhei-me então para a biblioteca. Eu sempre fora fascinado por bibliotecas. Para mim, elas são grandes templos de tesouros intelectuais onde cultuo os deuses do conhecimento.

Fiquei boquiaberto ao entrar, pois todos os livros haviam ficado ali, e embora estivessem cobertos de pó e envelhecidos, estranhamente estavam imunes às traças. Então tive uma idéia maravilhosa. Eu escolheria os melhores livros, os que não tinham sido muito afetados pela devastação do tempo, depois voltaria ali, para apanhá-los, pagando uma

carroça para levá-los. O negro Juca Corruíra, um de meus poucos amigos e outro miserável da mesma laia que a minha, faria um pequeno frete a preços módicos, eu pensava. Sim, depois eu abriria um sebo em minha casa e começaria a ganhar dinheiro com isso!

Então, enquanto escolhia os livros, acabei encontrando o assustador, o terrível, o lendário....Necronomicon!

Lendo as suas páginas malditas, ali, sentado na velha poltrona diante da velha e empoeirada escrivaninha, conheci segredos milenares ocultos, tesouros de magia negra e conhecimentos malditos anteriores ao surgimento do homem, esse animal sonhador que se julga o senhor do mundo, quando na verdade é mais fraco do que um percevejo.

Acabei lendo demais e estranhamente adormecendo.

Tive sonhos horrendos então. Sonhos em que eu me via numa cidade situada no fundo do mar, uma cidade muito antiga chamada Eyrkergath, onde morava aquele estranho povo de olhos grandes, pele branca e pequenas e quase imperceptíveis guelras no pescoço.

Mas confesso que não sei se eram sonhos de fato. Eram extremamente reais para serem meros sonhos. Talvez eu tivesse ido de fato até a estranha Eyrkergath, a cidade subaquática, em meu corpo astral ou em estado de Jinas!

Sei que não sou louco, porque tudo foi muito real. E quem me considerar louco, deve urgentemente fazer um exame introspectivo e deixar a hipocrisia de lado, pois, como diz o ditado popular, de poeta e de louco, todos nós temos um pouco.

Então meus sonhos mudaram. E para pior. Os horrores oníricos atingiam um paroxismo aterrorizante. Eu estava ali, num corpo de sonho, naquela casa abandonada, infestada de malditos ratos, diante de uma vaporosa luz cadavérica, que surgira como um espectro do inferno, emanada como uma fumaça diabólica do chão podre e fedorento da sala. Era uma luz apavorante, horrenda, certamente oriunda do próprio Hades. A luz ia me queimando

todo quando, subitamente, acabei acordando, retornando ao meu corpo físico, por assim dizer.

E dei graças a Deus por ter acordado. Eu estava sentindo um terrível mal-estar, algo como a alucinante sensação de estar sendo observado por uma grande, malfazeja e invisível entidade, um ente antigo e sobrenatural, oriundo das criptas mofadas e nebulosas do passado perturbador.

Atirei o livro longe e derrubei outras estantes envelhecidas. Tirei o isqueiro da mochila e ateei fogo em todos aqueles livros medonhos e proibidos, principalmente naquele diabólico Necronomicon. Logo a casa toda arderia em chamas infernais. Eu queimaria tudo, a casa, os fantasmas ou demônios que habitassem nela, e os segredos malditos contidos em todos os livros bolorentos e profanos de sua biblioteca satânica. Ao inferno com os livros, a biblioteca, a casa maldita!

Desci as escadas, com línguas de fogo me perseguindo como salamandras demoníacas, pois o incêndio se alastrara pela casa toda, transformando-a numa filial do inferno.

Lá fora, apanhei a minha bicicleta e me afastei um pouco do lugar, observando a destruição da casa. Anoitecera, e uma lua cheia maldita surgira no céu como o olho de uma gigantesca bruxa caolha, sua luz era como um sorriso de sarcasmo ao dia que findara.

E meu terror aumentou quando ouvi gritos horríveis, sons grotescos, lamúrias de danação, gritos lancinantes que só poderiam ter nascidos da garganta desesperada de amaldiçoados e demônios na condenação.

Ficou uma certeza em mim...Quando ateei fogo a casa, de algum modo acabei destruindo o horror sobrenatural e blasfemo que nela estava preso, provavelmente numa espécie de limbo *etérico* entre os mundos físico e espiritual, talvez entre a nossa dimensão e a quarta.

Sob a luz do luar maldito e debochado, pedalei rapidamente, para bem longe dali, longe daquele antro de forças sobrenaturais, diabólicas e macabras. Sim, pois talvez minha querida mãe, a querida “Dona Helilza”, me arranjassem um lugar para dormir, já que o senhorio havia me expulso e ameaçado de morte com um revólver por eu ter atrasado o aluguel durante *apenas e tão-somente* seis meses. Lá, no aconchegante quartinho que minha querida mãe sempre guardava para seu filho querido, eu me sentiria bem novamente. Sem um tostão no bolso, sem a esposa que me abandonara (aquela desgraçada!), sem um patrão imbecil e ranheta. Enfim, eu estava, apesar dos pesares, livre! Livre ao menos para sonhar outra vez. E guardo comigo um supremo desejo: um belo dia, nem que seja após a transição que chamam morte, encontrarei um mundo decente e bom, onde, pelo menos os sonhos sejam azuis e livres, onde se possa viver com plenitude, não como se vive na Terra ou como se vive na subaquática e estranha Eyrkerghath, mas sim como se vive nas terras oníricas, nas terras feéricas da poética e encantada Kryshlyth, situadas muito além da geografia de meus sonhos mais ardentes, em plagas astrais onde brilha o meu Real Ser, hoje, infelizmente envolto nas trevas de um ego excêntrico e incompreendido.

ZADATOTH-RÁ

Zadath-Rá, o horror nefando e blasfemo que rastejou das sombras movediças das estrelas tenebrosas, lá dos confins de um planeta proibido, de um lugar estranho e distante, muito além, nas profundezas imemoriais do cosmo infinito, a criatura horrenda e violenta de carnes violáceas e putrefatas que, em tempos remotos, assumindo uma forma semi-humana, mutilou toda a vida e toda a infantil esperança na mente e nos corações dos tolos mortais em sua primeira peregrinação pelo nosso velho e amaldiçoado mundo.

Agora que certas estrelas tinham se posicionado novamente, e astros errantes haviam perambulado a certa distância das fimbrias de nossa galáxia, ele estava livre novamente, após a magia da ressurreição infernal das esferas cloacais, dos esgotos virulentos das câmaras de um inferno maldito, vivo outra vez no fútil e patético mundo dos homens para uma vez mais destruir, devastar, matar e invadir os pueris sonhos humanos, levando seus corpos físicos e consciências para a morte ou para além dos jardins negros da loucura, e suas almas para as profundezas do mais negro dos infernos, além da vida e do túmulo.

Como tudo ocorreu, não lembro muito bem. Estou velho e minha memória começa a fraquejar. É tudo muito vago. É tudo como se fosse lembrança de um pesadelo maldito e infernal. Agradeço a Deus por não ter sucumbido nas trevas da loucura, embora há quem duvide disso.

Era o frio de Abril. O frio do sul. O frio da noite sinistra. E num instante seria o tenebroso frio da morte e o frio da loucura a nos envolver como mortalhas gélidas de horror indescritível, inominável.

Era um passeio na floresta, o bosque enevoadado e fantasmagórico perto das colinas verdejantes de Porto dos Duendes, meu provinciano torrão natal. O bosque maldito onde no passado remoto seitas sinistras realizavam rituais macabros em *sabás* terríveis, sacrifícios humanos sangrentos de virgens seqüestradas, imoladas em holocausto a uma entidade malfazeja.

Ao todo éramos cinco. Eu e meus companheiros. Tínhamos ido a busca de aventura. Éramos jovens aventureiros de fim de semana. Era eu, mais o Sérgio Morcego (um vadio e trapaceiro), Juninho (meu sobrinho músico e dado a bebedeiras), Pedro Gambá (um gatuno amigo nosso) e o soturno, esquelético e pessimista Abadias, o mais velho, desempregado há doze anos, corvo sorumbático e macambúzio e poeta nas horas mortas. Todos fracassados da sociedade de consumo, todos derrotados na vida, quase enterrados vivos nas tumbas escuras além da mediocridade cotidiana.

Sim, era o frio de Abril em Porto dos Duendes, a cidade onde a politicagem era a grande geradora de empregos, mormente para os militantes do partido vencedor das eleições, cujos prêmios eram umas belas sinecuras, mamatas maravilhosas em funções públicas inúteis. Mas mesmo assim decidíramos passar o fim de semana fazendo o que mais sabíamos fazer: coisa nenhuma. Sim, o ócio total e irrestrito era a nossa droga predileta, além do LSD e dos chás de cogumelos alucinógenos que conseguíamos a muito custo em certos campos úmidos próximos ao cemitério. Aventuras psicodélicas, desafios à morte simplesmente vivendo as horas que se passam entre o berço e o túmulo, entre esporádicas jornadas alucinantes, desafiando o deus morto dos fanáticos, elevando nossos

gritos eloqüentes aos anjos inoportunos que infestam todo sonho malogrado dos inúteis. E rindo-se de nós, em delírio, o lobo astral numa cova qualquer da lua...

Sim, era o frio de Abril. Éramos todos jovens rebeldes e inconseqüentes, e, portanto, dane-se tudo e todos, amém, e que o inferno da mediocridade e da loucura sem sentido acolha a todos, independente de credo, cor, raça e posição social.

Jamais podíamos acreditar que os portais seriam abertos naquela floresta aziaga, e que uma criatura terrível atravessaria o tempo e o espaço num piscar de olhos. Chaves mentais de alguma forma foram usadas por nós, dando acesso a um túnel *hiperespacial*, se é que me compreendem. O que eu quero dizer é que conseguimos, de algum modo, estabelecer contato direto com Zadatoth-Rá, e assim selamos nosso fadário, pois ele voltaria ao nosso plano de existência para nos matar a todos, numa orgia de sangue e morte.

Depois de usarmos o LSD e os chás de cogumelos retirados de bostas de bois e cavalos como catalisadores mentais e espirituais perigosos, depois de viajarmos por mundos alucinantes de outras dimensões, aqui mesmo na terra, abrimos o portal interdimensional, assumimos nossos destinos, os destinos negros daqueles que ousam ver coisas que não deveriam jamais ser vistas por olhos sãos.

A criatura atravessou os vácuos siderais, a quarta dimensão, e veio para a Terra, foragida de um mundo distante chamado Margziaumbar. Disse seu nome e sua intenção. Matou Sérgio Morcego, devorando-lhe a cabeça como se fosse uma goiaba cuja polpa era formada de seus miolos e de seus sonhos fracassados.

Juninho passou a pintar quadros de um mau gosto terrível, grotesco, e depois virou um ermitão e sumiu e nunca mais foi encontrado. Pedro Gambá e Abadias enlouqueceram. Quanto a mim, fui preso, acusado de assassinar o Sérgio Morcego.

Hoje estou na prisão, aguardando a sentença de uma juíza que pensa ser uma deusa da terra. Meu advogado está lutando para me tirar das grades. Desconfio que seja um rábula inútil e traidor, pois é época de eleição novamente, e a situação precisa de um bode-expiatório para que a demagogia se faça presente outra vez em Porto dos Duendes.

E o maldito Zadatoth-Rá continua lá, na floresta maldita, sempre a espera de novos jovens aventureiros de fim de semana...Até quando, não sei. Só sei que dentro em breve ele destruirá toda a raça humana; ele espera, como se quisesse nos torturar com o medo, a expectativa de morte.

Compreendam-me. Estou dizendo a verdade. E não sou louco! Não sou louco, ouviram, seus néscios!...

Por que não vão até lá, ver com seus próprios olhos que um dia os vermes devorarão, para ver que eu estou dizendo é pura verdade? Por que não enfrentam os horrores da floresta onde mora, agora, a maligna, a feroz, a imbecil besta-fera das sombras de uma galáxia desconhecida, muito além do sonho e das negras esferas da loucura humana, uma criatura maldita e perversa chamada Zadatoth-Rá?

NECROSEDECH

Havia mistérios neste mundo de trevas e horrores que Heitor Carlos Mendes precisava descobrir. Ele sabia do escuro das horas e da morbidez de seus dias sem cores. Além, muito além dos terrores cotidianos do mesquinho e insano mundo e dos pavores incrustados nas trevas do seu próprio *eu*, havia luz, uma luz assustadora, gélida e espectral, uma luz que queimava, ardia na mente e na alma tal qual um archote do inferno. Uma luz inquietante, a luz do mistério e do sentido das coisas.

Como tudo aconteceu, e como aconteceu, ele se lembrava vagamente, lembrava de uma forma um tanto nebulosa. Talvez, no fundo ele quisesse esquecer certas coisas. Esquecer assim como quem esquece um fragmento de um sonho ruim, grudado como piche nas páginas fantasmagóricas da memória.

Havia uma mata fechada perto de sua casa, nos arredores da cidade chamada Pedra Verde. Um lugar retirado, solitário, com pecha de mal-assombrado, um lugar onde névoas bailavam como brancos fantasmas da solidão e do mistério. Foi nesse lugar isolado que ele encontrou a caverna. *Aquela estranha caverna!*

A entrada era estreita, porém ele conseguira imiscuir-se na gruta infernal onde provavelmente reinavam sombras e segredos milenares e demoníacos, ocultos aos olhos normais.

Heitor Mendes era um rapaz estranho, mas isso não queria dizer nada, pois quase todos os jovens são estranhos, muito estranhos mesmo. Assim como quase todos os adultos também o são. Mas, afinal, o que é normalidade num planeta onde a insensatez prevalece,

onde a morte, magnânima, impera com sua foice maldita, e livra da vida os seres fadados ao tédio e a loucura e ao esquecimento dos deuses fúteis do céu, da Terra e do inferno também?...

Fazia frio naquela manhã. Era o final do inverno. Heitor trouxera consigo, dentro do bolso interno da japonsa, uma pequena lanterna, que acionou, iluminando o interior da caverna milenar.

Havia estanhas inscrições rupestres nas paredes antigas da gruta. Símbolos místicos de uma raça antiga de selvagens, resquícios fantásticos de uma era brutal perdida nas trevas do tempo. Ele não diria nada a ninguém sobre o lugar. Ficaria ali, semi-intocado, longe da curiosidade mórbida de arqueólogos, antropólogos e demais vândalos de nossa louca e morbidamente curiosa civilização hodierna.

O lugar parecia uma cripta bem antiga, sem dúvida. Uma espécie de tosco *hipogeu*, talvez. Ou templo. Foi lá que Mendes encontrou o estranho amuleto, condensador de forças sobrenaturais deletérias, energias místicas nocivas, invisíveis ao olho humano são e tíbio. Era uma espécie de concha com símbolos toscos arranhados metodicamente em sua superfície. O tal amuleto emanava antiguidade e magia. Minúsculos desenhos estilizados de deuses antigos ou demônios que um dia, no alvorecer da humanidade, rastejaram como grandes vermes fétidos no lodo da terra. Heitor acreditou ser o talismã de algum xamã de uma era remota e selvagem, morta nas catacumbas do tempo e nas necrópoles do esquecimento.

Ele colocou a concha no ouvido, e então ele começou a ouvir uma estranha música, uma música que não era bem uma música, mas sim uma espécie de mantra composto de sons com bizarras tessituras, tudo acompanhado de uma voz distante que dizia um nome, provavelmente o nome do xamã: NECROSEDECH! NECROSEDECH!...E essa música

sinistra e esse nome ou esse mantra soavam mais em sua mente do que em seus ouvidos. Uma voz e uma música que clamavam por violência e força, incentivando de um modo subliminar, o desejo delirante de odiar, de matar num êxtase sangrento de violência, força e morte, aniquilar toda esperança de paz e amor.

Havia um cheiro esquisito na caverna, um cheiro adocicado que Mendes não conseguia lembrar. Tudo estava muito nebuloso, confuso na mente dele. Sua mente quase sempre era um caos psicótico de pura demência contumaz. Somente uma parte de seu intelecto lutava, lutava para não sucumbir na loucura total e sem retorno.

Então ele adormeceu ali mesmo, na caverna sinistra, embalado por aquela música diabólica e por aquela voz macabra ou que quer que fosse aquilo.

Ele teve sonhos horrendos, talvez visões alucinantes daquele passado longínquo perdido nas névoas do tempo. Eram pesadelos dantescos brotados na mente de Heitor Mendes como flores negras do sono. Talvez fosse a atmosfera sinistra do lugar que proporcionara aqueles horrores. Sim, eram sonhos malditos onde a morte sempre prevalecia, num bizarro e insano bailado de terrores negros e obscenos.

Quando acordou, assustado, atirou longe o amuleto, antes que sucumbisse mentalmente ali mesmo. E Heitor Mendes saiu daquela caverna diabólica com a mesma velocidade de quem sai do inferno, um lugar onde parecia pairar uma hoste de espíritos ancestrais da era da selvageria e da magia em seus primórdios.

Heitor Mendes voltou para casa. Esqueceria a mata e a caverna fantástica. Talvez as coisas mudassem para melhor, afinal ele era bastante jovem ainda. Heitor Mendes parecia estar morto em vida, numa tumba de melancolia e egoísmo. Em sua mente parecia haver uma colméia de demônios interiores que o aprisionavam no templo de uma incipiente loucura, incipiente, solitária e melancólica.

Talvez um dia brilhasse um sol de esperança no céu pardacento de seu espírito confuso de jovem, de jovem perturbado por delírios inerentes a um jeito de viver onde a irresponsabilidade era confundida com liberdade, e os sonhos um reflexo de um paraíso inebriante.

Heitor Carlos Mendes tinha uns dezesseis ou dezessete anos, não sabia o que era amar e ser amado de verdade por outras pessoas além de seus pais e familiares. Como todo jovem, apenas tentava fazer da vida uma eterna farra, o que era deveras difícil, já que o mundo forma um mosaico de loucura, infortúnio e morte. Era tido como escalafobético pelas imbecis fofoqueiras da rua onde morava. E cada vez mais ele se tornava mais estranho e alheio as coisas ditas sérias, à medida que ele avançava em seus sonhos.

O arco-íris da esperança surgiu naquela noite agradável onde a lua cheia brilhava como uma imensa pérola no veludo do céu polvilhado de estrelas. Heitor Mendes estava na frente de sua casa, sentado no muro, em plena ociosidade. De repente passou um caminhão de mudanças, e logo atrás um carro. Certamente iria para casa que estava a venda ao lado da casa de Heitor. Olhou para o alto, para o céu noturno, e viu as estrelas reluzirem ainda mais, como que anunciando grandes esperanças.

No dia seguinte, ao ir para o colégio, Heitor Mendes parou um instante defronte a casa dos novos vizinhos. Tentava saber quem eram, mas não conseguiu. Só ouviu ruídos como se estivessem arrumando algo com um martelo. De repente ouviu uma voz suave e doce. Resolveu ir para a aula e tentar descobrir com os poucos colegas confiáveis quem eram os seus novos vizinhos.

No colégio ninguém sabia de nada.

Ao voltar para casa, a primeira coisa que fez foi perguntar aos pais se eles sabiam quem eram os novos vizinhos. Eles também não sabiam de nada.

Depois do almoço, Heitor ficou andando pela rua, disfarçadamente, olhando para a casa dos novos vizinhos, a cabeça voando num turbilhão, sonhadoramente. No pequeno fone de ouvido ele ouvia uma velha canção, *Ligth my fire*, do The Doors.

Novamente ouviu aquela voz. A porta da casa abre abruptamente e sai uma bela jovem de olhos azuis e cabelos loiros e longos presos em duas tranças.

A garota veio em sua direção. Heitor Mendes parecia uma estátua de timidez.

“Oi, vou ser sua nova vizinha. Eu e mais os meus pais é claro. Meu nome é Anita. Venho de Barbatana do Sul. Meu pai arranhou emprego aqui, em Pedra Verde, então todos tivemos que vir juntos. Você ainda não disse o seu nome...”, falou ela, sorridente como o sol da manhã.

Heitor Mendes não sabia o que falar, nem conseguia responder sua pergunta. Seu corpo amoleceu, uma gelatina de timidez.

Com esforço, ele respondeu.

Naquele dia Mendes renasceu. Era a ressurreição do amor. O amor que brotava em seu espírito como uma branca rosa espiritual de magnífica beleza e capitoso perfume. Um amor verdadeiro, não um artifício poético, não uma malandragem comum. O mundo agora não parecia mais um poço de horrores negros e sombras sem fim. Sim, Era a ressurreição de Heitor Mendes, o começo de uma vida nova, longe das trevas do egoísmo doentio, da solidão mórbida, da busca por coisas ocultas, mistérios malditos, viagens bizarras. Seria uma nova pessoa, um jovem sadio dado a bons costumes. Longe das cavernas assustadoras do passado remoto, longe dos mistérios da vida e da morte, longe, principalmente, do maldito vício que o consumira durante anos, e que, naquele dia, na gruta assustadora e estranha, provavelmente lhe causara alucinações ou delírios do efeito *flash-back*, o reviver de uma viagem ruim causada pelo uso do LSD.

Contudo, uma dúvida atroz persiste até hoje na cabeça de Mendes: teria a droga, e aquele seu jeito estranho de pensar, o poder de abrir as portas da percepção, propiciando uma antiga forma de visão, uma visão que vai além do físico, do material?... E as próprias alucinações uma forma sintética de acelerar processos e estados de consciência até então adormecidos, ignorados e ridicularizados por um cepticismo sarcástico e inútil?...

O PRANTO DOS DEUSES ASTRONAUTAS

Um estranho rumor estraçalhou impiedosamente o silêncio sepulcral daquele lugar desolado.

Era uma gigantesca e brilhante espaçonave que pousava lentamente. Tinha o formato esférico e rutilava. Parecia um grande globo de metal muito brilhante. Pousou sobre o solo desértico daquele planeta inóspito, num dia qualquer no calendário cósmico de um futuro remoto e sombrio.

Pegajosa e cinzenta bruma pairava solenemente no ar como um grande e hediondo espectro emigrado dos confins do grande reino dos mortos.

Alguns sábios do Universo dizem que todo planeta é como um ser vivo. Mas se de fato todo planeta é um ser vivo, aquele planeta estava morto. Sim, um mundo morto e esquecido na imensidão da galáxia.

Aquele mundo morto fora, outrora, um planeta exuberante, maravilhoso, orbe mirífico cheio de vida, verdadeiro jardim do paraíso, mas agora, no entanto, era apenas um mundo devastado, ruína sombria e esquecida na vastidão do espaço sideral.

Quem ou o que assassinara aquele mundo?

Quem ou o que transformara um paraíso num inferno? Somente seres demoníacos seriam capazes de perpetrar um crime assim. Seres demoníacos ou êmulos de demônios?

Seres racionais, com sensibilidade, com alma, não poderiam ter habitado aquele planeta.

Que tipo de raça monstruosa, cheia de veneno no coração teria povoado aquele mundo?

Séculos e séculos de insanidade sem limites, guerras incompreensíveis, ódios implacáveis, egoísmos doentios e desenfreados, tudo transformara aquele planeta paradisíaco num gigantesco e sombrio cemitério espacial.

Uma porta de formato ovóide abriu-se vagarosa e silenciosamente na parte lateral inferior da nave espacial de formato esférico.

Em seguida uma rampa de *metal transparente* foi estendida como um tapete rígido, sem a emissão de um ruído sequer.

Estranha comitiva saiu do interior da espaçonave.

Quem seriam aqueles estranhos seres?...De onde viriam?...Qual o propósito deles?...

Eram seres humanóides, andróginos de angelical aparência. Seres superiores, indubitavelmente. Seres oriundos de muito além das estrelas conhecidas, seres de uma galáxia distante, perdida nos confins do vasto e infinito espaço cósmico. Em suas perfeições mentais e espirituais, seriam chamados de deuses astronautas por qualquer outra raça atrasada e primitiva.

Eles olharam atentamente aquele finado mundo, um planeta completamente poluído e devastado, que agora mais parecia uma grande lata de lixo na imensidão do cosmo, ou então, mais apropriadamente, uma grande necrópole onde nem mesmo os fantasmas agora habitavam.

Um dos seres falou em tom melancólico, mas ao mesmo tempo solene, dirigindo-se ao outro companheiro, o que estava mais perto de si.

— Observe com muita atenção, Aethugla Hann...

O outro, Aethugla Hann, olhou e meneou com vagar a cabeça calva, dizendo:

— Uma raça selvagem, insana e irracional habitou, em tempos remotos, este mundo, Vrull Baak. É o que presumo. E é o que mais provável.

— Acho que não foi à toa que a civilização deste planeta foi extinta. Observe as águas dos rios deste planeta, onde há muito tempo atrás mitigavam a sede os seus habitantes. Hoje, não passam de valos de pútridas e fétidas águas. Enfim, eis um lugar onde nem mesmo um verme viveria. Trata-se de um mundo morto, Aethugla Hann.

— Uma raça assassina de seu próprio mundo, assassina de si mesma, Vrull Baak — e Aethugla Hann derramou uma lágrima cristalina que rolou pela face angelical como um pequeno aljófar de maravilhosa beleza e sensibilidade.

— Observemos mais, companheiro e irmão Aethugla Hann. Observemos as florestas devastadas, o ar poluído, enfim todo o seu ecossistema destruído.

— Oh, deuses siderais! Quanta destruição!...

— Penso que, mesmo se tais seres fossem ainda vivos, não teriam o grau de conscientização, a maturidade psicológica e espiritual necessários para um contato direto conosco, o pacífico e benfazejo povo do bem-aventurado planeta Empíreo — comentou Vrull Baak, tristonho, começando a chorar também.

— Ouvi dizer que certas civilizações tão adiantadas quanto a nossa tentaram contato com os seres bárbaros deste planeta. Alguns povos mais primitivos deste mundo chegaram até a chamar de deuses para esses astronautas benfazejos e intergalácticos. Alguns de nós até chegaram a encarnar aqui, na tentativa de salvar este mundo, mas tudo em vão. Os seres deste planeta arruinado sempre foram paranóicos e problemáticos, megalomaníacos e egocêntricos. Eles desenvolveram em suas *psicosferas*, em suas mentes perturbadas, por assim dizer, elementos terrivelmente bestiais e destrutivos de diabólico egoísmo. Ouvi dizer também que uns poucos representantes dessa raça assassina de si própria e de seu mundo

(poucos que ainda tinham amor em suas almas) foram levados por mestres do universo para o planeta *F*, durante o último cataclismo promovido por Hercólubus, o planeta higienizador, os poucos escolhidos foram levados, sim, para que possam servir de sementeira para uma nova raça galáctica.

— Vamos embora. Nada mais nos resta fazer. Nossas lamentações são inúteis, bem como nosso pranto — disse Vrull Baak, olhando para o resto da comitiva, que permanecera em silêncio. — Este lugar é a necrópole de uma raça insana, a necrópole de uma raça das trevas...As trevas do egoísmo, da intolerância espiritual, da falta de concórdia entre almas.

Entraram na espaçonave, que logo em seguida, elevando-se no ar como um imenso sol de metal rutilante, se foi aos confins do espaço sideral, deixando para trás um mundo absolutamente morto e putrefato, um monumento horrendo ao egoísmo insano... Um mundo que outrora chamavam...*Terra!* Um planeta destruído por estranhos seres que um dia o habitaram, os *Homens!*

A OBRA

Atreva-se a mergulhar no estranho e fantástico universo deste autor, onde a fantasia, o horror e o sobrenatural desfilam entre as sombras do grotesco e do insólito, numa jornada alucinante por aventuras inimagináveis, tendo como ingrediente uma pitada de Ficção Científica.

Uma coletânea imperdível de contos fantásticos com enredos assustadores que fará você, leitor, mergulhar nos abismos infinitos da imaginação e da loucura!

Então ouse! Faça uma viagem ao centro do horror voando com as asas da imaginação delirante e demoníaca de R. Silvério de Farias

O AUTOR

Nascido em Santa Catarina, sul do Brasil, R. Silvério de Farias tem conquistado uma legião de leitores de e-books (livros eletrônicos). Indubitavelmente um talento incontestável na arte de produzir histórias fantásticas. Suas estranhas obras são encontradas e disponibilizadas gratuitamente na internet, mas o autor nutre um sonho, um sonho maior, publicar no velho formato convencional, ou seja, livros de papel.